

WLADIMIR OLIVIER

SEXTILHAS E COMPANHIA

ESPÍRITOS DIVERSOS

1. Preenchendo os vazios
2. Em busca de coerência
3. Sem véu
4. Difícil adaptação
5. Triste confissão
6. Encontro com a verdade
7. Falando ainda de mim
8. Preparando a alma
9. Respirando mais desafogado
10. Um dia diferente
11. Com a pulga atrás da orelha
12. Estudando a rima

## 1. Preenchendo os vazios

Atento ao sentimento superior  
Dos guias, que me trazem seu amor,  
Eu dito estes meus versos com carinho;  
E logo vou dizendo que esta rima  
Bem longe está de ser uma obra-prima,  
Mas poderá mostrar-lhes meu caminho.

Pretendo ir reforçando neste verso  
O dom de compreender todo o Universo,  
À luz desta doutrina de Kardec;  
Porém, não vou fazê-lo de uma vez,  
Que o Pai nos ensinou quando nos fez  
Que a rapidez nos deixa sempre em xeque.

A turma que orientou o meu trabalho  
Exige que lhes diga como eu malho  
O texto que lhes passo nesta hora;  
Por isso, é com paciência que lerão  
A história desta luta, pois, então,  
Hão de saber que o vate comemora.

Começo por ditar a minha prece,  
No ensejo que meu médium me oferece,  
Para rogar ao Pai por muita luz;  
Talvez eu tenha medo de cair,  
Mas sei o quanto o médium Wladimir  
Respeita o ensinamento de Jesus.

Senhor, olhe por nós neste momento  
Em que sentimos forte este memento,  
Em ânsias de fazer a melhor trova.  
Ousáramos ferir da lira a corda,  
Se o dom da vida ainda nos recorda  
O sofrimento atroz que se renova?!...

## 2. Em busca de coerência

Retenho na memória tantos fatos,  
Porém, não sou capaz de espalhafatos  
E digo tão somente o que interessa  
Ao povo que me lê e que sustenta  
Um pouco de alegria, embora lenta,  
Que a forma deste verso é que tem pressa.

Aí é que me engano, pois do avesso  
Eu visto a minha ideia, no começo,  
Depois fica difícil p'ra mudar,  
Estranho a velha trova que solfejo;  
Procuro algo de bom, porém, não vejo  
O que possa apontar como exemplar.

Tercei a rima e pus o quanto pude  
De inteligência e amor nesta atitude,  
Referendando sempre o meu bom mestre;  
Mas, como o estilo meu é pessoal,  
Bem sei que nesta trova ele vai mal,  
Porque mistura o etéreo co' o terrestre.

Minha saudade está no coração;  
Por isso eu sei que agora vocês vão  
Achar que tenho dó de suas penas;  
Mas sofrimento infrene às vezes sói  
Fazer que nos tornemos um herói,  
Pensando que as dos outros são amenas.

Então, eu peço a Deus que nos perdoe,  
Caso esta lengalenga só ressoe  
Nas mentes das pessoas que não pensam;  
Preciso é conviver em paz e luz,  
Cumprindo o ensinamento de Jesus,  
Rogando ao Pai celeste a doce bênção.

### 3. Sem véu

Arranho um violão e toco a valsa  
Que a minha alma dança aqui descalça,  
Sem frenesi mas calma em emoção.  
Este arremedo pobre de poesia  
Não traz muito prazer e nem traria  
Não fosse este tremor no coração.

A vida que vivi no mundo pobre  
Tornou-se um triste ressoar a dobre,  
Finado permanente e em expansão.  
Agora eu tento pôr no verso triste  
Um pouco de surpresa e dedo em riste,  
Para assustar o povo, os que virão.

Não falo já por mim, má criatura,  
Que a rima não anima nem depura,  
Pretendo arrependido e magoado;  
Invejo a tua voz, cantor da gente,  
Que arrasta multidões sem que apresente  
Um mínimo de amor em teu estado.

Eis como um dia o vate se atormenta  
E o texto desencontra e se alimenta  
De fantasias só, sem compostura.  
Os termos se acumulam tão somente;  
Eu penso que o melhor é ir em frente,  
Imperfeição formal que mal se atura.

Então, lembro Jesus em sofrimento  
E a minha dor repasso e não lamento,  
Que a prece me alivia e ressuscita  
Algumas alegrias de um passado  
Que jaz debaixo de um terror danado,  
Mas que, por teu perdão, ó Pai, se excita.

#### 4. Dificil adaptação

A lira que hoje tanjo tão sem jeito  
Talvez não seja aquela que respeito  
Nas mãos habilidosas dos mortais.  
Não posso, aqui, porém, mostrar desprezo  
Por esta que mantém meu sestro aceso,  
Quimérica escansão de um mal a mais.

Contenho o pensamento e me conservo  
Atento aos requisitos de um bom servo  
Que cumpre o seu dever de colegial.  
Não me revolto mais, que a luta é dura:  
Sem disciplina, o mal sempre perdura  
E o bem jamais se torna natural.

Reduzo o sentimento e justifico  
A explicação acima e exemplifico  
Citando aquela vez em que fugi.  
As aulas detestava e me premiam;  
As regras, que eram tantas, promoviam  
Recordações do tempo em que vivi.

Pensei que a liberdade fosse boa  
Mas, cheio destas culpas, não revoa  
O espírito que quer um tal poder.  
Fica pesado e imóvel lá no lodo,  
Criando um sentimento que é de todo  
Propício a regressar a seu dever.

Jesus, então lhe peço, humildemente,  
Que eu seja corajoso e agora enfrente  
As rimas que imagino tão perversas,  
Agradecendo ao Pai não ver razão  
Que justifique o medo como então,  
Ficando as intenções no bem imersas.

## 5. Triste confissão

Resolvo elucidar qual o defeito  
Que prende o meu espírito de jeito  
Que trago para a rima apenas dor:  
É que teimei na Terra em ter orgulho,  
Somando à vil vaidade em que mergulho,  
A todos desprezando, sem amor.

Por isso é que meu verso sofre tanto,  
Causando no leitor um nobre espanto,  
Que os termos não se ajustam muito bem.  
Se peço na harmonia destas frases,  
Bem sei que meus amigos são capazes  
De achar algo de bom no meu vaivém.

Então, vão concluir que hoje eu paio  
Bem longe de tais vícios, sem desvairo,  
Que a compreensão se fez integralmente.  
Eu entendi como fui mau um dia  
E tento retratar nesta poesia  
O estado catastrófico da mente.

O coração percebe tais fraquezas,  
Mantendo as ilusões ainda acesas,  
Fanais de alguma luz, é bem verdade,  
Mas integrar no bojo da existência  
Precisa, como os santos, ter paciência,  
Que o bem, quando se faz, tal alma invade.

O que faço melhor nesta poesia  
É refletir que a prece concilia  
As ânsias do passado e do futuro.  
Suponho que não seja uma ilusão  
Este pedido intenso de perdão,  
Pois sei que em Jesus Cristo eu me depuro.

## 6. Encontro com a verdade

Reforço as emoções com a poesia,  
Que é como o coração me sentenciar  
Aos túrgidos lauréis da discrepância,  
Não tanto por gostar de compor versos,  
Mas por saber que são muito perversos,  
Ao vir mostrar o vate tal ganância.

Seguro de que a rima esteja boa,  
O mais corre por fora, ou bem, revoa,  
Que os temas não variam plenamente.  
Solerte quanto à fórmula que elejo,  
Eu sinto cá no rosto o quente pejo  
De quem vai revelando a rude mente.

Mas como contentar a turma toda,  
Se tenho muito fraca a minha boda  
Entre cabeça e coração?!.. De fato,  
Enquanto uma reflete em melhorar,  
O outro quer fazer da rima lar,  
Havendo-se a impressão só de boato.

O sofrimento sinto verdadeiro;  
No texto que redijo é que requeiro  
Que o Pai me envie luz, amor e paz;  
Porém, bem pouco faço além daqui,  
Que a vida é muito triste, a que vivi,  
De sorte que o sofrer parece mais.

Preciso abandonar tanta lamúria,  
Para ensinar ao povo que esta injúria  
Ofende as leis que regem o Universo.  
Então, a Jesus Cristo eu me dirijo,  
Que torne o meu presente menos rijo,  
Ao menos na estrutura do meu verso.

## 7. Falando ainda de mim

Demandam p'ra que eu diga ao caro amigo  
Que já não corro aqui o grão perigo  
De importunar com versos mui travessos.  
Aviso, sim, de forma bem segura,  
Que a rima que componho não se apura,  
Enquanto esta minh'alma é dos avessos.

Por isso, é mui frequente o desperdício  
Do tempo que aqui tenho, antigo vício,  
Que trago dos meus tempos cá na Terra.  
Embora eu lute muito e o mal rejeite,  
Os hábitos não são um mero enfeite,  
Pois têm funda raiz a que abro guerra.

Antigamente, eu punha na expressão  
Um sentimento túbio, sem paixão,  
Desanimado e frio quanto ao futuro;  
Agora, sou capaz de divisar  
Que existe um campo novo no meu lar,  
Que o povo desta casa vem dar duro.

Não tenho mais motivos p'ra supor  
Que nunca mais eu vou sentir amor,  
Conforme em outros tempos eu fazia;  
Agora, estimo a todos os colegas  
E já não sinto a rima tão piegas,  
Ao vir expor minh'alma na poesia.

Assim, já tenho muito verso pronto,  
Agradecendo ao Pai, conforme conto  
Um pouco a cada dia ao vir compor.  
Só peço aos meus amigos por mais luz,  
Que o nome abençoado de Jesus  
Desperta o coração e afasta a dor.

## 8. Preparando a alma

Assunto, contrariado, o mesmo tema,  
Sabendo que mantenho o tal problema  
De não fugir jamais da triste esfera.  
Quem sabe haja progresso quando o mestre  
Julgar que está na hora em que me adestre  
No comentário fácil que se espera.

O mundo paira ao longe deste verso,  
Pois nele o coração ficou imerso,  
Batendo em descompasso e desalinho.  
Quisera compreender cada batida,  
Mas me surpreende a força que duvida  
Que esteja o vate ciente do caminho.

Por isso é que me atrevo a prosseguir,  
Julgando que algum ponto, no porvir,  
Há de encerrar p'ra sempre o despautério.  
Enquanto aguardo o tempo que demora,  
Vou demonstrando que o valente chora,  
Pedindo a cada irmão um refrigerio.

Os versos se dispõem em cada linha:  
Parecem bons soldados quando, asinha,  
Desfilam pelas ruas da cidade;  
Mas chega o fim da tropa e todo o povo  
Retorna aos afazeres p'ra, de novo,  
Cumprir sua missão sem que se enfade.

Nem bem cheguei à rima de Jesus,  
Já estou pensando em como se traduz  
Meu sentimento morno e sem paixão.  
Quem sabe esta quimérica saída  
Expresse a prece infusa que convida  
O meu leitor amigo, o meu irmão.

## 9. Respirando mais desafogado

Aceito o meu trabalho e sigo em frente  
Mas paro p'ra pensar, frequentemente,  
Que exame de consciência é imprescindível.  
Na Terra, eu pelejava muitas vezes,  
Querendo tornar bons atos soezes,  
Achando que me impunha certo nível.

No etéreo, não há fugas que o pior  
— É bom que isto se guarde bem de cor —  
Fica no coração e na memória:  
A gente sente a dor e se incomoda;  
Não tem como fugir, pois gira a roda  
E acaba por contar a mesma história.

Não quero pôr mais medo em meu leitor,  
Mostrando quanto é grande o meu pavor  
De não vencer o mal que me atordoa.  
O mestre que me assiste tão amigo  
Jamais brigou nem briga aqui comigo,  
Dizendo que me preza e me perdoa.

Estudo quanto posso as velhas leis,  
Sabendo que são boas, pois as greis  
Que são felizes têm o seu respeito.  
Mas, p'ra inserir no coração os dons,  
Não basta só saber quanto são bons  
Os hábitos do amor que agora enfeito.

Jesus, eu peço que o Senhor me ajude,  
Ao menos nesta frase sem virtude  
Em que me exponho nu perante o mundo.  
Se comover o povo, eu posso ainda  
Tornar a minha rima bem mais linda,  
Que a prece me assegura um bem fecundo.

## 10. Um dia diferente

As nuvens que no céu passam agora  
Caminham livremente pelo espaço.  
Eu ponho o meu soneto no regaço  
E esqueço o quanto o coração deplora.

Mudei o compromisso do compasso,  
Mas tenho fé que aqui também vigora  
A lei que rege o despertar da aurora,  
Por isso o texto que imagino e faço.

Eu sei que existe em tudo relação,  
Conforme aqui traduzo na escansão,  
Sexteto a estruturar a forma fria.

Alguma coisa sobra no meu verso,  
Partícula menor deste universo,  
Que serve ao meu leitor de aviso e guia.

## 11. Com a pulga atrás da orelha

Das nuvens já falei; falo dos ventos  
Que levam para longe os pensamentos,  
Sem que eu controle agora seu destino.  
Nas lutas lá na Terra, eu aprendi  
Coisas que não se aplicam por aqui,  
Tão longe fui levado em desatino.

Reflito na maldade praticada  
E vejo que não vale quase nada  
A história de uma vida sem sucesso.  
Ao menos, muito amei os meus parentes;  
Meu pai e minha mãe deixei contentes,  
Pois para cá eu vim desde o decesso.

Entendo muito pouco de virtude,  
Por isso eu peço ao povo que me ajude  
A compreender os fatos desta vida.  
Por que não sofri logo lá na Terra  
E agora o coração se encontra em guerra,  
Consciência que desperta para a lida?!...

Os companheiros vão achar pedante  
Que o vate se sustente e não se encante  
Com o progresso alheio nesta esfera.  
Mas eu respeito muito quem venceu,  
Agindo com vigor: eu fui sandeu,  
Achando inteligente a minha espera.

Requeiro a Jesus Cristo que me atenda,  
Iluminando a mente p'ra que aprenda  
A construir com gosto o meu caminho;  
Quem age e descortina o seu futuro,  
Agradecendo ao Pai, fica seguro  
Que avança muito mais... eu adivinho.

## 12. Estudando a rima

Exijo muito mais de mim agora,  
Pois o verso me obriga a pôr p'ra fora  
A lástima que trai minha emoção.  
Na Terra, ao escrever, o vate chora  
As lágrimas da dor que lhe demora  
Na mente, pois sufoca o coração.

Aqui, o texto surge lá do fundo,  
A retratar a gente num segundo,  
Um tópico sem luz e sem calor.  
O medo me faz ver quanto confundo  
O dito verdadeiro com que inundo  
A frase deste verso inferior.

O tempo desperdiço mais comigo,  
A ver se é real o que consigo  
Dispor nestas sextilhas todo dia.  
Não corro nenhum risco, se o perigo  
Afasto de uma vez e não desdigo  
O que minh'alma sente na poesia.

Meu mestre me estimula a prosseguir,  
Dizendo que está próximo o porvir  
Em que me alegrarei comigo mesmo.  
Eu noto que a virtude se dispõe  
Nas rimas que meu cérebro compõe,  
Nem todas tão vulgares, tão a esmo.

Quando preciso orar na derradeira  
Estrofe que me enfeixa a tal maneira  
Que imaginei para encerrar o tema,  
Eu fico descansado e peço a Deus  
Que a todos abençoe, os filhos seus,  
Bem certo de que acabo o meu poema.

### 13. O verso nosso de cada dia

Não quero negar fogo uma só vez,  
Porém, é bem difícil ser cortês,  
Trazendo aos bons leitores o meu verso.  
Às vezes, sou chamado aos compromissos  
De atender ao povo com serviços  
Nos quais meu coração se vê imerso.

Por isso, minha rima aqui flutua,  
Chocando o meu amigo por tão crua,  
Pois se apresenta às vezes como sai  
Da mente perturbada que castiga  
O sentimento apenas com antiga  
Sensação de dor... e contra o Pai.

Por isso é que lhe peço que abençoe  
O resultado alegre que agrilhoe  
A tua simpatia aos versos meus.  
Então, fico feliz e, mais ainda,  
Pretendo tornar rica e muito linda  
A rima que hoje fiz, graças a Deus!

Não sei se me expressei com propriedade,  
Mas rogo por perdão, que a caridade  
É mérito que traz o bem maior.  
É lema que os espíritos de luz  
Disseram que proveio de Jesus:  
Que a caridade salva, eu sei de cor.

Jesus, meu compromisso deste dia  
Suponho ter cumprido, todavia,  
Ainda vou pedir-lhe aqui de novo:  
Estenda esse seu manto de pureza  
Para que este poeta junto à mesa  
Demonstre seu amor por todo o povo.

## 14. Buscando apoio

Aos meus colegas dou o melhor crédito,  
Pois tudo que produzem é inédito  
E satisfaz aos prismas do mentor;  
No entanto, os seus poemas são mais ternos,  
Impróprios p'ra constar destes cadernos  
Que trago aqui comigo com temor.

A vida se compõe desses matizes,  
Conforme o nosso amor lança raízes  
E o gosto se declara em cada rima.  
É fácil fazer versos sem capricho,  
Porém, qualquer que faça, embora um lixo,  
Requer ao coração a nobre estima.

Se tudo o que fizermos com amor,  
Um ato que alivie alguma dor,  
Causar-nos alegria e for sem medo,  
Embora triste a mente do poeta,  
O coração se agita e jamais veta,  
Recolhendo a ponta de seu dedo.

Eu digo porque sei quanto sofri  
Enquanto estava escuro por aqui,  
No fundo desta cova em que fiquei.  
Agora que desperto para a luz,  
Relembro que na Terra foi Jesus  
Quem ensinou do amor a excelsa lei.

A ele é que agradeço, comovido,  
Ter feito este poema em que convido  
O povo que me segue a melhorar.  
Permita-me você, caro leitor,  
Que venha este coitado agora expor  
A luta de um espírito, em seu lar.

## 15. *Barrado no baile*

Suspendo, por uns tempos, a poesia,  
Pois vou realizar um velho sonho.  
Ao meu irmão na Terra, então, proponho  
Que atenda a outro vate, em alegria.

Eu sei que prometi contar a história  
Da vida que vivi ultimamente.  
Nenhuma novidade eu passo à gente  
Que tem sangue nas veias e memória.

O tom deste poema é de tristeza,  
Pois deixo com saudade, junto à mesa,  
O meu querido amigo do ditado.

Mas peço ao Criador que, lá de cima,  
Impeça que ele estranhe o novo clima,  
Ao receber as bênçãos de um bom fado.

## 16. Em busca do melhor remédio

Pretendo começar trazendo um verso  
Que não seja mesquinho nem perverso,  
Nos moldes familiares cá da turma;  
No entanto, se estiver muito *marreta*,  
Espero que jamais nos comprometa,  
Fazendo que o leitor se canse e durma.

O estilo que adotei possui seu sal:  
Não é de todo etéreo nem mortal,  
Mas tem sabor p'ra quem se acostumou  
A refletir no bem, que se traduz  
Em todo ensino *quente* de Jesus,  
Que muitos transformaram já em *show*.

O bem, quando se faz com compreensão,  
Nos traz muito mais luz, como verão  
Quando vocês chegarem qualquer dia.  
Mas para tanto têm que realizar  
A festa da harmonia no seu lar,  
Conforme a inteligência evidencia.

Não busque, meu amigo, algum milagre:  
O sal tempera junto do vinagre,  
Para dar gosto ao molho da salada.  
Não sou ranzinza nem lhe peço ardor,  
Porém, se lhe agradar o meu compor,  
Orar por mim não vai custar-lhe nada.

Contudo, o compromisso não termina  
Sem que uma rima nobre, clandestina,  
Se ponha, mui feliz, no meu poema.  
Terei de agradecer, então, ao Pai  
O dia proveitoso que hoje vai  
Mostrar que resolvi o meu problema.

## 17. Os pingos nos is

Se, no começo, fiz umas gracinhas,  
Não quer dizer que vá, como adivinhas,  
Continuar a pôr nos versos riso.  
Preciso demonstrar que aqui no etéreo  
Nosso ambiente é sempre muito sério  
E o mestre cá do povo exige siso.

Por isso, vou mudando a minha forma,  
Para cumprir da *Escola* a velha norma  
De tudo respeitar com muito amor.  
Até num simples verso que anuncia  
Ser pobre o pensamento da poesia,  
Me obrigo a meditar ao vir compor.

As coisas lá da Terra, infelizmente,  
Comportam brincadeiras, mas se sente  
Que o tempo vai passando bem depressa.  
Se o gajo fica apenas nesse tom,  
Não pode desejar que seja bom  
O fim da fútil vida que atravessa.

Estimo que hoje possa vir trazer  
Um texto que pretendo ter poder  
De despertar para um problema interno.  
Quem sabe o meu leitor esteja atento  
E veja que no verso eu não invento  
Nem céus de luz nem látegos de inferno.

Por isso é que agradeço ao Nazareno  
Poder testemunhar que estou sereno,  
Em rimas tão tranquilas e tão fáceis;  
Mas peço a Deus que o faça humildemente,  
Que é como vou mostrar a toda a gente  
Que os sentimentos são também mui gráceis.

## 18. Prudentes palavras

Instruo o meu leitor a que acredite  
Naqueles bons conselhos e medite,  
Eliminando os vícios do pensar.  
A gente se acostuma a ter ideias,  
Imaginando veras odisseias,  
Sem conhecer as vagas desse mar.

Preciso é estudar toda a doutrina,  
Que o mal de tudo quanto se imagina  
Se grava n' alma e ganha algum sentido;  
Depois, a diretriz da descoberta  
Perturba-se com tanta porta aberta,  
A ponto de dizer-se: — *Eu me intimido*.

Na noite que se faz depois da morte,  
O gajo há de pensar: — *Não tenho sorte* —  
E joga a culpa toda sobre os ombros  
De quem se encontra agora lá no alto,  
Vivendo sem rancor, sem sobressalto,  
Enquanto ele se vê dentre os escombros.

Allan Kardec é claro e mui preciso:  
A tudo dá resposta e bom aviso,  
Para evitar o mal dessa surpresa.  
Por isso, esteja atento, companheiro,  
Pois estas rimas que hoje lhe enfileiro  
Terminam por aqui, junto a esta mesa.

O mais deve você, consigo mesmo,  
Buscar com segurança e não a esmo,  
Juntando-se a colegas para estudo.  
Termino, como sempre, numa prece,  
Sabendo que Jesus mais se entenece,  
Se, junto desta forma, há conteúdo.

## 19. Além do poema

Minh'alma se compraz em cada verso  
Em que demonstro ser menos perverso,  
Cumprindo com amor a obrigação.  
Talvez para o leitor não tenha mérito,  
Nem dê ao meu poema nenhum crédito,  
Porém, nada que escrevo, escrevo em vão.

Reflito em toda rima que disponho,  
Fugindo de tratá-las com um sonho,  
Mas vendo em cada uma um sentimento.  
Um medo já vencido, um fato novo  
Que possa auxiliar a um do povo  
Me faz ficar em paz e os bens aumento.

Nem todas as conquistas cá se expressam,  
Mas quero que os amigos sempre peçam  
Que escreva sobre os temas mais pungentes.  
Não tenho inspiração nem tal cultura,  
Mas, quando a nossa mente se depura,  
Os que gostam de nós estão presentes.

Amigo que me lê, mesmo cansado  
De tanto labutar, fique do lado  
De quem sugere amor e paz e vida.  
Esqueça todo prisma doloroso  
Nem queira conseguir apenas gozo,  
Mas pense em seu irmão que se endivida.

Orando a Jesus Cristo todo dia,  
Ainda que bem longe da poesia,  
Peça por todos nós aqui do etéreo;  
Quem sabe, ao retornar endividado,  
Encontre alguma luz para seu fado,  
Algum amor que traga refrigério.

## 20. Quem não precisa de versos

Renovo o meu apelo ao bom leitor  
Que considere sempre o meu compor  
Um ponto a mais em seu poder de vida.  
Nem sempre os que aqui chegam têm na rima  
Um argumento tal que o bem sublima;  
A todos o dever, porém, convida.

Precisa que haja dor p'ra compreender  
Que existe p'ra cumprir um tal dever  
Ou pode o compatriótico, amavelmente,  
Chegar depois de ter vivido bem  
E, sem que faça verso aqui também,  
Seguir vitorioso sempre em frente?!...

Às trovas que me obrigam por aqui  
Eu chego por mim mesmo, pois vivi  
Ausente da poesia e da beleza.  
É fácil perceber isto que digo,  
Analisando o verso que consigo  
Trazer para os irmãos junto a esta mesa.

Mas quem viveu em paz, em quietude,  
Aproveitando o bem dessa virtude  
Em prol de seus irmãos mais desvalidos,  
Não vai ter muito agora p'ra penar,  
Contente co'as pessoas do seu lar,  
Com pensamentos bons e mais subidos.

A eles cresce sempre o compromisso  
De vir prestar a parte do serviço  
Que gera mais amor e mais ternura:  
Orar é que lhes cabe, mas sem rima,  
Porquanto essa oração o bem sublima,  
Por confortar as almas, pois perdura.

## 21. Não durmo de botina

Preciso de mais tempo, bom amigo,  
Para ditar meus versos todo dia:  
Se é fraca, quando o tenho, a tal poesia,  
Se falha o meu horário, eu não consigo.

Talvez um só soneto eu poderia  
Trazer-lhe bem depressa, pois comigo  
Eu tenho sempre pronto um bem antigo  
Que cabe direitinho na harmonia.

No entanto, eu posso vir em outra hora,  
Pois hoje já se dá certa demora  
Na transmissão do verso que me cabe;

Mas não reclamo tanto se me atraso,  
Pois sei que aqui terei sempre bom azo  
De lhe passar a rima: você sabe.

## 22. Comece orando

Alegro-me bastante com meu médium,  
Que toma todo dia o seu remédio,  
Cuidando que a saúde se mantenha.  
Se aqui, porém, chegar de supetão,  
Bem sei que os seus amigos correrão  
Para lhe revelar a sua senha.

Você, meu bom leitor, também se trata,  
Cuidando de compor, conforme a data,  
Os temas da ternura e caridade?  
Jesus, que nos protege a toda a hora,  
Confia em que cheguemos, sem demora,  
À compreensão do amor que persuade.

Por isso é que escrevemos nossas rimas,  
Sem medo de dizer que não são primas  
Mas que pretendem ser de boa ajuda.  
Não faz este poeta mais que um pouco,  
Pensando que, ao fazer ouvido mouco,  
Quem perde é o mau leitor, que nunca muda.

Invoco, em boa prece, o protetor  
E peço que me faça o grão favor  
De esclarecer-me quanto ao sofrimento.  
Solícito, procura o guia amigo  
Vir praticar um pouco aqui comigo,  
Que um pouco é tudo quanto hoje eu aguento.

Ninguém está sozinho em qualquer parte:  
Se falha, neste verso, *engenho e arte*,  
O pensamento voa a outra esfera,  
Que é como eu conto aqui chegar de novo,  
Estimulando o gênio deste povo,  
Dizendo ser inútil sua espera.

### 23. Sob a lei do progresso

Reúno os pensamentos na poesia  
E quero ressaltar minha alegria  
Ao ver que tenho versos verdadeiros.  
O povo do meu lado não se cansa,  
Mantendo acesa a chama da esperança  
De ter também os seus entre os primeiros.

Não temo fraquejar perante o povo,  
Pois sei que voltarei aqui de novo,  
A repetir os feitos de outra forma.  
Ocorre que crescemos pouco a pouco  
E aquele cujo som se faça rouco  
Corrige a sua trova pela norma.

O bom é que tentamos consertar  
O que vai parecer seja exemplar  
Na correção dos erros lá da Terra.  
Se alguma rima sair mal, paciência:  
A perfeição se dá quando a consciência  
No coração só paz e amor descerra.

Valha-nos, pois, Senhor, a sua lei,  
Pois juntos os melhores desta grei  
Só buscam conquistar o seu irmão.  
O método melhor para fazê-lo  
É demonstrar a força deste zelo,  
Que eleva o seu valor ao dar-lhe a mão.

Mas todos têm deveres a cumprir,  
Sabendo que a melhora do porvir  
Depende de o presente ser sadio.  
Jesus, seja por nós nesta poesia,  
Que o coração se enche de alegria,  
Embora o verso fique por um fio!...

## 24. Criando coragem

Atinjo o meu leitor no coração,  
Dizendo-lhe que sou um seu irmão  
Às voltas co'a poesia que componho.  
Talvez eu meta medo no parceiro  
Mas bem a tempo aqui eu lhe requeiro  
Que fuja de supor que seja um sonho.

O verso é bem real, eu lhe asseguro,  
E o faço a cada dia inda mais puro,  
Voltando-me às imagens desta vida.  
Não posso divagar meus sentimentos  
Nem devo enegrecer com vis tormentos  
Este momento lindo e a nobre lida.

As cores multifazem-se no etéreo,  
Porém, meu texto deve ser mui sério,  
Sem pinceladas soltas pela tela;  
As pedras são cinzentas mesmo ao sol,  
É lento este avançar de caracol:  
A natureza impera em aquarela.

Ouvindo a sinfonia que arrebatá,  
Eu trago aos seus ouvidos, nesta data,  
Um assobio co'alguma melodia:  
A mim me basta um sopro, uma verdade,  
Que é como esta virtude a mente invade,  
Sem vezes de labor mas de alegria.

Jesus, eu peço agora, humildemente,  
P'ra que ilumine o coração da gente  
E faça que perdoe tanta licença.  
Se vale esta oração em rima pobre,  
Ouçamos quando um sino triste dobre  
Para chamar o amor que os males vença.

## 25. Medite nisto

Não peço que compreendam meu sentir,  
Pois sei quanto promete o devenir  
Que a todos traz a hora da verdade;  
Porém, se não pensarem sobre o etéreo  
De modo positivo e muito sério,  
Verão que o sofrimento persuade.

Não quero que suspeitem que estas levas  
De espíritos-poetas vêm das trevas  
Para assombrar o povo aí da Terra;  
Mas sentir dor é próprio de quem sabe  
Que cometeu um tanto que não cabe  
Deixar p'ra trás, que a vida então emperra.

É fácil discernir qual a virtude  
Que faz que o povo todo um dia mude  
Para melhor, na busca de mais luz;  
Mas vou deixar que digam com certeza,  
Pois sei que não se trata de proeza  
Que qualquer um atina e bem traduz.

Agora que chamei sua atenção,  
Espero que se encham de emoção  
Ao descobrir a brecha do mistério.  
Não falo desse amor que o Cristo sente:  
É coisa muito simples, conveniente,  
Seguir a quem se ama cá no etéreo.

Mas quando o gajo luta mais consigo,  
Temendo receber forte castigo,  
Aí deve rezar pedindo ajuda;  
Se pensa vencer tudo com coragem,  
Mais fácil é seguir nesta viagem  
Ao lado de quem fé tem mais graúda.

## 26. Só um suspiro

Não quero perturbar o meu amigo,  
Dizendo o que se passa aqui comigo,  
Se é triste o meu destino cá no etéreo.  
As alegrias, sim, são comoventes;  
Eu peço ao coração: — *Não crescentes*  
*Outros temores sem um refrigerio.*

Por isso, o meu esquema de poesia  
Não ousa expor a dor da nostalgia  
Nem vem falar do mal que um dia fiz.  
Os sentimentos torpes esquecidos  
Hão de ficar bem longe dos ouvidos  
Daquele que hoje quero ver feliz.

Também não vou recomendar juízo  
A quem demonstra ter tamanho siso  
Ao dar sua atenção à pobre rima,  
Querendo ver um pouco mais da vida  
Que leva quem no verso lhe convida  
À prece que renova e que sublima.

Não fique, pois, amigo, muito triste,  
Se a restrição que imponho aqui persiste  
E frustra uma esperança de crescer.  
Apenas, resumindo, eu lhe pergunto  
Se não traz interesse o meu assunto,  
Se não demonstro assim nenhum poder.

São temas que perturbam sua alma?  
Então a solução que o medo acalma  
Está naquela prece que sugiro.  
Eu peço a Jesus Cristo que abençoe  
A quem suplico agora que perdoe  
O atrevimento deste meu suspiro.

## 27. Acredite em mim

Não posso perdoar-me se fraquejo  
Na transmissão do verso, que um bosquejo  
Não satisfaz quem tem por prisma o ensino.  
Se anseio demonstrar minha experiência,  
Preciso aqui conter-me, que a falência  
Somente se dará se me azucrino.

Então, o compromisso ganha força:  
Não há um só aviso que hoje torça  
A precisão intrínseca do verso.  
Meu medo cresce mais se me apetrecho  
E não consigo, além dum remelexo,  
Repetição de sons de humor perverso.

Não trago mais comigo a sede impura  
Que se mitiga em fonte que assegura  
Apenas o descanso do poeta.  
Já quero mais: fazer que o meu leitor,  
Por força de me ler, contraia amor  
E tente versejar com dom de esteta.

Eu levo o sentimento a tais alturas,  
Ouvindo o coração: — *Por que procuras,  
Ó gajo, estar de bem co'a gente viva?  
Não sabes que na Terra a luta é brava,  
Que a carne torna a alma sua escrava  
E que a matéria manda e o mal cativa?*

Por isso é que aqui rezo todo dia,  
Rogando que o valor desta poesia  
Esteja em despertar os sentimentos.  
Quem ama o feio... (já se sabe o resto)  
É como o meu poema agora apresto,  
Agradecendo ao Pai estes momentos.

## 28. Tema recorrente

Carrego aqui comigo a triste sina  
De limitar ao máximo a doutrina,  
Que o verso não comporta muito ensino.  
Demonstro, simplesmente, que o defunto  
Não passa de ser ele mesmo o assunto,  
Pois fraco é o entendimento que ilumino.

Quisera que as estrelas cá descessem  
Bem perto desta rima e que acendessem  
Um coração excelso, afetuoso.  
Mas temo que o fantasma que descrevo  
Irá causar no amigo forte enlevo,  
Daqueles que repelem qualquer gozo.

O mestre me censura o pensamento,  
Dizendo que, na trova, eu me atormento  
Mas folgo o dia todo, alegremente.  
É que o que faço lá é compromisso  
De prestação apenas de serviço,  
E aqui devo pensar em muita gente.

Bem sei que não se importam os amigos  
De vir correr, na estrofe, alguns perigos,  
Pois são os seus princípios mui seguros.  
Se alguém aqui chegar desprevenido,  
Há de fugir depressa, pois duvido  
Que note uns versos, poucos, menos duros.

Por que perco meu tempo junto à mesa,  
Sabendo ser tão pobre esta proeza,  
Por conhecer as leis e seus cuidados?  
Ocorre que ao poeta é proibido  
Tão só falar do bem, sem ter sentido  
As vibrações do amor em doces fados.

## 29. Como uma obsessão

Anseio por deixar um verso lindo  
Que seja recitado nas escolas,  
Mas temo, coração, que tu decolas  
Sem rumo pelos céus, logo caindo.

Preciso que a intenção, ao dar esmolas,  
Não traga prejuízos, pois infindo  
É o sentimento lúdico que blindo,  
A demonstrar que sou assaz gabolas.

Sem pejo de compor um verso torto,  
Presumo estar sofrendo no meu Horto  
E busco quem me ampare nesta dor.

Mas tu, meu caro amigo, sê mui forte,  
Que existe algo pior que a própria morte:  
É ruminar tais versos sem valor.

### 30. Mantendo o ritmo

A vida tem momentos mui felizes;  
Abraçam-se por vezes os irmãos  
E os sentimentos crescem mais louções  
E firmam-se no amor suas raízes.

As datas constituem diretrizes  
Em que se estendem sempre suas mãos;  
Embora os seus dizeres sejam vãos,  
Os tons das vozes sanam certas crises.

Não quer o companheiro que enunciemos  
Alvissareiros ditos neste dia,  
Que o barco está pesado e nossos remos

Exigem que cuidemos da poesia:  
As velas se enfunaram mas não temos  
Roteiros que nos tragam alegria.

### 31. Pedindo desculpa

Desejo superar minha fraqueza,  
Porém, não sou capaz dessa proeza  
Em versos tão tranquilos, tão modestos.  
A mente humana quer muito mais luz,  
Lições arrecadadas de Jesus,  
Mas, para mim, destino só doestos.

Então, como falar da excelsitude  
Do bem, do amor, da luz, mas sem virtude  
A comprovar que faço o que aqui digo?!...  
Repasso este ditado de tal forma  
Que posso me acusar de falsa norma,  
Correndo, neste caso, grão perigo.

Falece-me a ilusão quando pretendo  
Abrir a minha rima já vivendo  
Conforme as instruções do caro mestre.  
São pobres as palavras do contexto,  
A ponto de jogar muitas no cesto,  
Sem que um poema só o gajo orchestre.

No entanto, vou cumprindo a minha quota,  
Vergado sob o peso da derrota,  
Que o sentimento é fútil, torto, feio.  
Ao menos, se o compasso se ajustasse,  
Daria aqui também um belo passe,  
Mas mando a bola sempre p'ra escanteio.

O meu recado eu dei de qualquer jeito.  
Eu peço, então, que aceitem quando estreito  
O meu caminho atroz, cheio de espinho.  
Eu sei que Jesus Cristo o mal perdoa  
Daqueles cuja prosa seja boa  
E o verso expresse apenas seu carinho.

## 32. Prática e gramática

Não temo contrariar meu bom amigo;  
Também não quero pô-lo aqui em xeque.  
Vamos viver Jesus, lendo Kardec,  
E praticar o bem, hoje comigo.

É fonte perenal: não há que seque  
O ensino doutrinário, o doce abrigo;  
Mas estudar somente eu desobriço,  
Que assim é dirigir puxado o breque.

Os atos mais serenos, mais irmãos,  
Fluem de dentro d'alma e não são vãos,  
Pois que aproveitam sempre a quem precisa.

Neste meu caso, eu acho que o escritor  
É quem precisa mais do seu compor:  
É isto o que esta rima concretiza.

### 33. Pondo as coisas no lugar

Eu peço que compreenda o meu leitor  
Que venho, nestes versos, p'ra propor  
Que estime sua vida plenamente,  
Que faça o bem a todos e corrija  
Os pensamentos maus, a forma rija  
De suspeitar que a dor o mal aumente.

A cada vida aqui se quer progresso,  
Por isso é que não canso e mais lhe peço  
Que pense nas virtudes de Jesus;  
Mas tem de aí fazê-lo em descortino,  
Sabendo que Kardec é desse ensino  
O bom caminho, e da verdade, a luz.

Os centros, que trabalham por quem sofre,  
Estão guardando passes em seu cofre,  
Entradas para os eitos cá do etéreo,  
Pois que o labor não cessa deste lado,  
Fazendo quem melhora um doce fado,  
Quando acredita em Deus e no mistério.

Tomé não foi aquele que pediu  
Que lhe mostrasse o Mestre onde se abriu  
A chaga do seu peito? Ele queria  
Ter a certeza de quem era o gajo  
Que vinha em horas tardas com seu traje  
De luzes enfeitado, em harmonia.

Nossa poesia, comparando mal,  
É que reveste a ideia e coisa e tal,  
Mas o que fica deve ter valor.  
De que me serve iluminar o verso,  
Se o pensamento queda tão perverso  
Que causa em meu irmão grande pavor?

Em sendo assim, rogamos, em conjunto,  
Que se analise o tema em seu assunto,  
Buscando superar-se algum defeito:  
Nosso trabalho aqui seria trágico,  
Se quem nos lesse só sentisse mágico  
O transe desta fórmula imperfeito.

### 34. Para constar

Dispensando o caro médium neste dia,  
Que o tempo é muito pouco p'ra poesia,  
Pois trago seis estrofes a ditar.  
Perversa, a pressa acaba co'a eficiência:  
Não quero, no final, pedir paciência  
Como se o texto meu fosse exemplar.

Parece que darei um pouco mais,  
Pois se mantém meu médium bem, em paz,  
Atento p'ras palavras que lhe passo.  
Ele me pede calma; eu obedeço,  
Levando devagar este arremesso,  
Respeitando as normas do compasso.

Termino este improvisado agradecendo  
A todos que me leem e já me rendo  
Ao equilíbrio são de toda a equipe;  
E rogo ao companheiro que me escuta  
Uma oração ao Pai, porquanto a luta  
É glória sem vencidos: participe.

### 35. Nova canção

Reli todos os versos que ditei  
E neles muito fel foi que encontrei,  
Igual a quem na Terra sente zanga.  
O tom devo alterar, pois sei de cor  
Que o povo quer a trova bem melhor,  
Mas pesa-me no lombo rude canga.

Meu ânimo, bem leve, paira ao longe,  
Conforme as preces ditas por um monge  
Que buscam pela luz lá do infinito.  
P'ra mim, no entanto, a crise ainda perdura,  
Porque não tenho a forma assim tão pura  
E o metro não se alteia com meu grito.

O treino que hoje fiz parece bom,  
Que a rima se reveste de outro som  
E o tema mais abrange o meu compor.  
Vou imitar aqueles que se esmeram,  
Talvez para o conforto dos que esperam  
Uns versos de eleição, de muito ardor.

Não tenho muita pressa mas preciso  
Tratar com mais respeito e com mais siso  
A todos que por mim torcem deveras.  
Então vou caprichar em cada verso,  
Utilizando a norma do universo:  
As leis deste equilíbrio entre as esferas.

Senhor Jesus, perdoe a todos nós  
Que erguemos tão afoitos nossa voz,  
Supondo que alcançamos cada irmão.  
Faça, meu mestre, que o rigor da rima  
Seja o parâmetro da nossa estima,  
Que as nossas preces alcançá-lo vão.

### 36. *No início do caminho...*

Não peço já por mim, posto precise,  
Mas sei que existe gente cuja crise  
É bem pior que a minha quanto à dor.  
A minha prece unir-se-á às tuas,  
Ó meu leitor querido que atenuas  
O sofrimento alheio com amor.

O meu amparo é certo, pois meu mestre  
Está bastante atento a que me adestre  
No pensamento sábio do evangelho.  
Tu deves perceber que melhorei,  
Pois posso já citar do etéreo a lei  
Que torna bem mais belo o verso velho.

Não peço já por mim, aqui repito,  
Pois já sufoco n'alma o triste grito  
Que há pouco tempo atrás o mundo ouvia.  
Agora, aquele cisco que era trave  
Deixou minha visão e, bem mais grave,  
Eu posso demonstrar sabedoria.

Preciso analisar um pouco mais  
Como se evita o mal, querendo a paz,  
Aquele que solfeja em rude verso;  
Sendo a lição mui séria, o pobre aluno  
Não pode transformar-se hoje em tribuno,  
Se traz o sentimento inda perverso.

Se melhorei a rima, o resultado  
Talvez não tenha tido o teu agrado,  
Que o pensamento insiste neste tema;  
Mas valho-me do amor do bom amigo  
Que toma a minha mão e vai comigo  
Buscar quem sofre muito, em hora extrema.

### 37. Prece e poesia: considerações

Proponho que o leitor ore sozinho,  
Pois cada qual demonstra o seu carinho  
De forma peculiar e de bom grado.  
Se coletivamente o coro é bom,  
Difícil é manter o mesmo tom  
Que cada um teria do seu lado.

No etéreo, é bem mais fácil congregar  
Um grupo em harmonia, pois um lar  
Aqui se forma de maneira tal  
Que não existe um único ludíbrio  
Na busca de manter seu equilíbrio,  
Pois todos já se ajustam por igual.

Assim, quando rezamos nestas trovas,  
Apenas sugerimos sejam novas  
As fórmulas do texto que ditamos.  
No entanto, o sentimento que se expressa  
Não se pode esvair assim depressa,  
Como as palavras ditas por recamos.

Jesus, perdoa o pobre que te pede  
E torna esta poesia em útil sede  
Da prece que lhe exige apenas som.  
O fulcro da poesia está na gama  
Dos sentimentos puros que reclama  
O coração fremente, em sendo bom.

Aos poucos, compreendi quanto é profundo  
Deixar as emoções desse seu mundo  
Fluir em paz no verso que se escreve:  
A perfeição do etéreo se retrata  
No coração da gente que desata  
Os nós que o prendem firme ou muito leve.

### 38. Arcanos poéticos

Contento-me com pouco mas vou longe,  
Aspiração modesta, como o monge  
Que quer ser mui humilde em vista ao Reino.  
Então, como compor um verso rico,  
Se sempre esta vaidade exemplifico,  
Ao vir dizer que a rima é só um treino?!...

A hipocrisia queda misteriosa  
Na mente do leitor, que a trova glosa  
Na rama dos suplícios que declaro.  
O meu tormento todo eu mais escondo,  
Porque seria aqui mui hediondo,  
A rima, arrevesada e o texto, amaro.

Mas quem não sofre um pouco, eu lhe pergunto,  
Pensando nos problemas do transunto  
Do sentimento para a luz do dia?  
Se todas as palavras fossem leves,  
Os dias passariam muito breves;  
Nem valeria a pena esta poesia...

Assusto o companheiro que me lê?  
Mas antes perguntei quem é você,  
Para lhe dar as dicas do perfeito?  
Se for tão bom em todas as virtudes,  
Vai resumir na prece as inquietudes,  
Orando por quem sofre, com respeito.

Viesse aqui Jesus trazer seu verso,  
Irradiaria luz pelo universo,  
Em forma mui gloriosa e mui discreta.  
Iria repetir, contudo, o ensino  
Que eu conheci na Terra inda menino  
E agora aqui maltrato, mau poeta.

### 39. Rebuscando o feio

Verdade verdadeira, este meu verso  
Demonstra o quanto estou no mal imerso,  
Pois incapaz eu sou de aconselhar.  
Restrinjo o pensamento o mais que posso  
Às normas do meu mestre, que hoje endosso,  
Para tornar a trova regular.

O sentimento é bom como a intenção  
Que, dizem, enche o inferno por ser vão  
O verso ao qual faz falta um bom engenho.  
Com arte aqui poria rima rica,  
Mas mentiria o coração que fica  
Ausente do processo; e não me empenho...

Falar do bem é pouco quando o verbo  
Traz em seu bojo um vil sentido, acerbo,  
A disfarçar pobreza e, mais, miséria.  
Jesus falou que o Reino caberia  
Aos humildes, aos mansos, se alegria  
Marcasse sua vida na matéria.

Na escola em que mourejo dia e noite,  
O pensamento range como açoite  
A me ferir os brios, que trago acesos.  
A única virtude já fenece,  
Se tento produzir em verso a prece  
Que iria confortar os que estão presos.

Escapo do problema, finalmente,  
Rogando ao meu irmão, que agora sente  
O quanto é misteriosa a trova minha,  
Que me perdoe a rima e me compreenda,  
Obrando com amor que amor acenda:  
Em seu entendimento o bem se aninha.

#### 40. Ainda confuso

Eu acho complicado compor versos  
Que fujam dos roteiros mais perversos,  
Porque minh'alma flui sem que eu perceba.  
Assim é que disfarço o pensamento,  
A ponto de exaurir o meu talento  
Apenas na estrutura falsa, geba.

Eu peço que examinem minha rima,  
A ver se ali descobrem se me anima  
O bem que de verdade vim propor;  
Ou bem, se existe apenas a vaidade  
De chegar a um final que mui me agrade,  
Sem nada ter mostrado de valor.

Eu giro em torno ao verso e não descubro  
O que possa tornar meu rosto rubro,  
Porque jamais senti qualquer vergonha:  
O texto imprimo, com vigor, na mente  
Deste coitado que nos serve e sente  
Que perde tempo e com melhores sonha.

É cansativo estar nesta rotina,  
Sem demonstrar as normas da doutrina,  
A fazer versos sem rigor moral.  
Eu só castigo a forma, o meu castigo,  
Pedindo que não briguem mais comigo,  
Porquanto aqui errar é natural.

Não vou deixar a mesa sem a prece,  
Pois muita gente a norma um dia esquece  
De preocupar-se mais com quem mais sofre:  
Jesus, ampare sempre quem precisa  
Reconhecer o mal que hoje reprisa,  
Abrindo o coração, de amores cofre.

#### 41. Outros trabalhos me aguardam

Adeus, meu bom amigo, vou-me embora,  
Porquanto a minha mente hoje deplora  
O tempo que gastei fazendo versos.  
Ao menos, se esta rima fosse boa,  
Eu não teria vindo aqui à toa,  
Trazendo pensamentos tão perversos.

De qualquer modo, eu sei como se sente  
A turma que me assiste tão contente,  
Ao ver como me ajeito em pobre tema.  
Contestam seja fraco o desempenho?  
Ninguém melhor que eu sabe que venho  
P'ra resolver mais fácil meu problema.

No entanto, quando a ajuda é muito pobre,  
Parece o chamamento de um redobre  
Que o vento é que provoca em meio às trevas.  
O sacerdote obriga, no outro dia,  
Ao capelão que cuide da poesia,  
Com fórmulas mais claras, mais coevas.

Despeço-me, portanto, um tanto frio,  
Porque neste arremesso não confio,  
Que as rimas são marotas, são impuras.  
Talvez um dia eu volte novamente,  
Trazendo um repertório condizente,  
Com trovas bem mais belas e seguras.

Adeus, meu bom leitor, aqui repito  
E aguardo o seu abraço no infinito,  
Onde se encontram todos, finalmente.  
Senhor, abençoei o nobre amigo  
Que não brigou jamais muito comigo  
Mas deu-me aquela força, em prece ardente.

## 42. Bom dia!

Gostaria de mudar  
Para um verso curto, breve:  
Heptassílabos somente,  
Pois meu tema é muito leve.

As quadras vão calhar bem,  
Em rimas nos versos pares;  
Se acontecer de ir além,  
Vão ficar mais exemplares.

Vai ser preciso, porém,  
Que esteja disposto o médium,  
Que fique atento, também,  
P'ra ministrar seu remédio.

O princípio é sempre fraco:  
O medo nos atrapalha;  
Sendo o conteúdo opaco,  
A rima logo nos falha.

Deste modo, eu vou parar,  
Que o fôlego terminou  
E, numa rima exemplar,  
Ponho fim a este *show*.

Obrigado, bom amigo,  
Pelo carinho de agora.  
Você seguirá comigo,  
Por este caminho afora.

É claro que vou dizer  
Que precisamos de prece,  
Pois, ao cumprir seu dever,  
Todo poeta esmaece.

Jesus esteja com todos  
Que me ouviram neste dia.  
Muitos terão seus apodos  
Para o tom desta poesia.

Mas agradeço assim mesmo,  
Pois demonstro caridade:  
Não vou versejar a esmo;  
Não quero que a rima enfade.

Bom princípio, irão dizer,  
Mas o restante da obra  
Não sei se terei poder:  
O coração não se dobra.

Vou saindo de fininho,  
Pois não acho que agradei.  
Mas, tratado com carinho,  
Cumprirei do verso a lei.

16.05.00.

### 43. Sextilhas de penitência

Atinjo o ponto limite  
Que a compreensão me permite,  
Quanto à existência no etéreo.  
Chego a pensar que o futuro  
Não pode ser menos puro,  
Diminuindo o mistério.

Mas, para ter tal noção,  
Precisa que o coração  
Bata mais equilibrado,  
Pois são as nossas ações  
Que melhoram as missões  
Que revertem nosso fado.

Pretendo continuar  
Nesta forma de pensar,  
Enquanto trabalho duro.  
Estou aqui muito ativo,  
Muito mais que quando vivo,  
Indo bem, lhes asseguro.

Espero que me compreenda  
Quem está tirando a venda,  
Abrindo os olhos à luz,  
Sabendo cumprir a lei,  
Como agora eu mesmo sei,  
Conforme ensinou Jesus.

A perfeição paira ao longe;  
Aos poucos o mal esponje,  
Deixando-a sempre mais perto;  
Mas é preciso esforçar-se  
Para alcançar a catarse,  
Dando valor ao que é certo.

É como compor a trova:  
A ideia que se renova  
É testada em cada verso;  
Se vem mui naturalmente,  
Precisa que a rima aguente,  
Sem pensamento disperso.

Vamos encerrar agora,  
Pois nosso leitor implora  
Por algo bom de verdade.  
As lamúrias do poeta  
Em sua mente introjeta  
A prece da caridade.

#### 44. Batendo no peito

Sustento que a poesia melhorou  
Depois que dei na trova aquele *show*,  
Sextilhas mui perfeitas, no capricho.  
Agora eu tento um verso bem maior,  
Com temas que estudei e sei de cor,  
Buscando efetivar pobre pasticho.

A crítica é ferina ao verso mesmo,  
Pois sei como ressoa a rima a esmo,  
Feitiço que enlouquece o feiticeiro.  
Acuso o vil processo da estrutura,  
Mas deixo um traço de que a alma é pura,  
Na compreensão que ao meu leitor requeiro.

— Se sabes tanto, ó meu poeta inerme,  
Por que combates feito um paquiderme,  
Cristais despedaçando sem pudor?  
Pois desrespeitas sempre o coração,  
Tu hás de ouvir na vida um rude *não*  
Às lágrimas que planges por amor.

Assim a meditar estando triste,  
O mestre me alertou, porquanto existe  
Um fundo bem ruim no sentimento  
De que se perde a vez de progredir,  
Alheio de que a alma no porvir  
Vai superar a dor deste momento.

Evolução é norma universal:  
O bem vai sobrepor-se a todo mal  
Que nos parece agora insuportável.  
Precisa ter mais fé no Criador,  
Lutando p'ra esperança recompor,  
Deixando nas mãos dele o irrefragável.

Senhor, peço perdão por tantos versos  
Que perdem seu sentido por perversos,  
Levando o meu leitor a suspeitar  
De que a vida no etéreo descambou,  
Que as entidades vêm para dar *show*,  
Calcando no coitado algo *exemplar*...

#### 45. Ainda que fossem bons...

Refaço a cada dia o meu poema,  
Buscando dar-lhe forma tão suprema  
Que poucos poderiam compreender  
O tema de superna avaliação  
Que espero realizar da criação  
Na hora em que tiver um tal poder.

Supus que Jesus Cristo assim faria,  
Se dado fosse o mestre a tal poesia,  
Interessado ainda nos humanos.  
Imaginei o Pai fazendo versos  
E vi os meus minúsculos, perversos,  
E os meios que utilizo, franciscanos.

Restrinjo-me por isso a declarar  
Que quem já é feliz dentro do lar  
Não deve imaginar-se navegando:  
Os mares são daqueles cuja luz.  
Em vocação de luta se traduz,  
Que o mal dessa ambição é mui nefando.

Eu fico a medir versos e a pôr rimas,  
Estrofes bem distantes de obras-primas,  
Nas quais encaixo ideias tão comuns.  
Às vezes, eu disparo um tiro n'água,  
Maneira de falar da minha mágoa,  
E me atrapalho mais nos zunzunzuns.

Pretendo aqui deixar minha mensagem,  
Sabendo que a estação desta viagem  
É curta para tanto empreendimento.  
Rogando ao Pai que inspire o meu leitor,  
Espero que por mim ore co'amor,  
Iluminando um pouco este momento.

## 46. Minha verdade

Repare o meu leitor que tenho medo  
De estar a demonstrar-lhe muito cedo  
As dádivas eternas do Senhor:  
Às vezes, a pessoa necessita,  
Estando aí na Terra muito aflita,  
Sofrer a angústia toda e toda a dor.

A compreensão do etéreo sem castigo  
Não poderia eu dar, porque comigo  
Carrego o mesmo transe e sofrimento.  
A história que contasse não daria  
A pálida noção dessa alegria,  
Porquanto essa emoção não exp'rimento.

Porém, ninguém me impede de dizer  
Que é de rigor cumprir sempre o dever,  
Pois Deus é pai de amor e de justiça.  
Reconhecendo a fé como virtude,  
A gente há de querer que alguém ajude  
A suspeitar que o bem o amor atiça.

Demonstro a minha fé em Jesus Cristo,  
Sabendo ser do Pai também benquisto,  
Mas trago algumas dúvidas comigo.  
É isto o que perturba o ser feliz,  
Pois tudo quanto pensa ou mesmo diz  
Esbarra em apreensões de vil castigo.

Mas ponho, em versos pobres, o que sinto,  
A demonstrar ao povo que não minto,  
Pois sei da minha falha muito grave.  
Ao menos, eu confesso e rogo em prece,  
Sabendo que Jesus não se aborrece,  
Que tire dos meus olhos esta trave.

## 47. Prece-poema

Suplico ao caro mestre que me assiste  
Que explique por que o vate fica triste,  
Sabendo decifrar tanto mistério;  
Porém, ao apontar o dedo ao céu,  
Demonstra ser o ar espesso véu  
Que encobre, tão sutil, o planisfério.

De fato, a transparência se percebe,  
Mas a distância se transforma em sebe  
Que impede a vista de chegar mais longe.  
No eremitério, ao soar do sino,  
O ar se agita acompanhando o hino,  
E o povo escuta o modular do monge.

Conhece a letra e acompanhar deseja,  
No coração, a prece benfazeja  
Que lhe traz paz, amor e muita luz.  
Seu sentimento em rico pranto esflora:  
Ele bem sabe que é chegada a hora  
De receber as bênçãos de Jesus.

Depois, silêncio, o ermo configura  
O paraíso, pois a alma é pura  
E é feliz, enfim, nesse momento;  
Mas, se pensar que o Pai está distante,  
Sua alegria cessa e passa adiante:  
Ele sonha o porvir em desalento.

Por isso é que transformo o rude verso,  
Enaltecendo agora este universo  
De pensamentos são e vibrações.  
Este momento eterno é que festejo  
E digo estar feliz, sem sentir pejo  
Dos males que carrego aos borbotões.

## 48. Avançando devagar

Transmito o meu poema com amor,  
Agradecendo a Deus, o Criador,  
A força que me dá neste momento.  
Bem sei que tal poesia é desconforme  
Às normas cá da Terra, sendo enorme  
A luta entre as esferas que hoje enfrento.

No entanto, não me perco facilmente  
E vou compondo os versos, diligente,  
Atento p'ras cesuras do compasso.  
O resultado é chocho, já se vê  
Mas vou ficar contente se você  
Imaginar-se atravessando o espaço.

Rebelde o coração em outra idade,  
Agora bate quieto e persuade  
A rima a se manter em equilíbrio.  
Eu ficarei contente se o leitor  
Souber quanto é difícil de compor,  
Jamais cedendo a mente a vil ludíbrico.

No espaço ao redor silvam os ventos;  
Mantenho aqui, porém, os sentimentos  
Sob um controle rígido e eficaz.  
Se a tempestade ruge e me ameaça,  
Enfrento-a com denodo e sem trapaça,  
Que o medo só perturba a quem malfaz.

No fim, eu peço ao Pai que me perdoe  
E que me impeça o verso que revoe  
Sem meta declarada e sem moral.  
As emoções que sinto se misturam  
Em doces expressões, que se depuram,  
Atenuando a dor de quem vai mal.

#### 49. A vida é assim

Sonhava com os tempos de mocinho,  
Revivendo as lutas do caminho,  
Contente por saber-me vencedor.  
Mas, na velhice, os dramas que sofri  
Causaram minhas dores por aqui  
E agora a minha história vim compor.

História que eu suponho ser da gente  
Que vive com ardor, por isso sente  
O quanto evoluir precisa ainda;  
E, sem revolta, fica a recordar  
As agruras terríveis no seu lar,  
Sabendo que tal dor não é infinda.

E, quando aqui disponho essa lembrança,  
Imaginando dar uma esperança  
De vida mais feliz ao meu leitor,  
Esforço-me bastante em cada verso,  
Querendo ser fiel, sem ser perverso,  
Pois ser perverso é grave, abatedor.

Estimo que as misérias doutras vidas  
Um dia fiquem todas esquecidas,  
Pois dá-se a aprendizagem do perdão.  
Quem passa a remoer males d'antanho  
Tem medo de enfrentar, pois acha estranho,  
As novas provações que lhe virão.

Agora que aprendi a orar contrito,  
Não passo mais momento algum aflito,  
Nas mãos de Deus deixando o meu destino.  
Sentir saudade é bom quando o momento  
Transforma a vibração do pensamento,  
Mostrando ser feliz o tal menino.

## 50. A um passo do alívio

Meu caro, aqui lhe trago a pobre trova  
Eivada destes sons tão barulhentos;  
Quisera eu esquecer os sofrimentos,  
Mas vejo que a lembrança se renova.

Você vai perguntar se meus tormentos  
Não tinham de ficar em funda cova.  
Afirmo que nem sempre o mestre aprova  
A exaltação de nobres sentimentos.

Precisa que o sujeito vença a dor  
E entenda que a ferida só se fecha  
No dia em que sentir que o causador

Dos males que demonstra em sua endecha  
Está presente em cada recompôr,  
Doendo quanto mais ali se mexa.

## 51. Conselhos com alguma sutileza

Às vezes, sinto falta de escrever,  
Porquanto cumpro sempre o meu dever,  
Deixando as horas vagas para a trova.  
Por isso, já não tenho o meu rascunho  
Escrito com vagar, de próprio punho,  
Buscando improvisar com rima nova.

O médium se reserva ao seu direito  
De me tomar o verso contrafeito,  
Dizendo que o leitor merece mais.  
Eu fico pensativo e me acabrunho,  
Mas logo recupero algum rascunho  
E dou-lhe face nova e mais audaz.

Assim deve ser tudo em sua vida:  
Responsabilidade compartilhada  
E mérito a somar no que se faça.  
Mas todos têm seu nível de emoção,  
Prevalecendo o tom daquele irmão  
Que pode até compor algo com graça.

Apenas variando as doces rimas,  
Bem longe hão de quedar as obras-primas,  
Mas o leitor vai suspeitar que alguém  
Esteve muito perto de compor  
Virtude e formosura com amor,  
Embora o verso chegue cá do além.

Mas vir fechado o cenho e dedo em riste,  
Ameaçando um verso pobre e triste,  
Não cabe nesta esfera, neste ardor  
De quem sabe que a dor não prevalece,  
Se o tema elege o bem e o faz em prece,  
Solicitando as bênçãos do Senhor.

## 52. Como vai sua fome?

Reduzo a um soneto o meu trabalho,  
Achando já que é muito o sacrifício,  
Um verdadeiro peso, um vil cilício,  
Para o meu pobre irmão, que é quem vergalho.

Mas a poesia em mim é quase um vício,  
Não fora tão presente o bem que espalho.  
Enquanto for meu verso um ato falho,  
Não vou deixar de usar este artifício.

*“Estou com fome”*, diz-me quem me ajuda;  
Preciso confortá-lo com poesia,  
Pedindo ao mestre meu rima graúda,

Daquelas que sustentam moralmente;  
Mas ele afirma que hoje gostaria  
Que eu terminasse, pois já está contente.

### 53. Diferenças de objetivos

Aos poucos, vou cumprindo a obrigação  
De aqui deixar os versos que lerão  
Os bons leitores que pretendem ver  
Como se sai aquele que penetra  
Na esfera material, onde perpetra  
A trova que esboçou como dever.

Nem sempre o material de que disponho  
Irá satisfazer, por ser medonho  
O prisma deste plano penumbroso.  
Mas este tema é meu e não de quem  
Se encontra na matéria bem aquém  
De achar neste mistério um alto gozo.

O máximo que encontra é minha prece,  
Que o mais que desejasse aqui padece  
Das fortes influências do local.  
De que me adiante descrever o etéreo,  
Se tudo quanto digo de mais sério  
A muitos não lhes faz nem bem nem mal?!...

Por isso a turma que hoje me acompanha  
Resume o pensamento e a trova amanhã  
De modo a contentar alguns do povo.  
Os outros se dispersam pela vida,  
Achando a rima pálida ou sofrida,  
Não desejando estar aqui de novo.

Emprego as tais palavras que conheço  
E levo de roldão este arremesso  
A desejar que a gente se aproveite  
Do esforço concentrado que hoje faz  
Quem vem para dizer que há muita paz  
Nesta escansão de versos sem enfeite.

#### 54. Desafiando a compreensão

Resumo o pensamento numa frase  
Que exponho ao meu leitor desprevenido.  
Então, irei ouvir: “Pois eu duvido  
Que o mundo se sustente nessa base.”

O pobre desconhece o que é sabido  
Do rico que cultiva a melhor fase;  
E não pode entender de tudo quase  
Nada que fuja agora ao seu sentido.

O coração, lhe afirmo, bem entende  
O verso que converto em axioma,  
Por artes superiores de um duende,

Fantástica figura que comanda  
Os chistes tenebrosos do idioma:  
Quem sofre logo entende esta ciranda...

## 55. Outro desafio

Trabalho firmemente em cada texto  
Mas temo que meu verso não consiga  
Trazer uma mensagem muito amiga  
Que evite que o soneto vá p'ro cesto.

No entanto, eu chego ao fim quando periga  
A tese deste amor que aqui pretexto,  
Porque, nesta pobreza, o bom cabresto  
Há de caber na rima como intriga.

Fugir não fujo que o pior de tudo  
É resolver deixar o posto ao léu.  
Então, dou mais valor ao conteúdo,

Servindo os sons da trova como um véu  
Que deve levantar, em seu estudo,  
Quem vê da terra as graças lá do céu.

## 56. Por pouco

Cuidados permanentes com a trova  
Vão parecer defeitos ao leitor:  
Os temas que ele exige a seu dispor  
Nem sempre o meu projeto lhe comprova.

Por isso, este soneto inferior  
A forma e o conteúdo não renova,  
E o mestre que me ensina aponta a cova  
Em que devo enterrá-lo, mas sem dor.

Abraço o meu amigo e digo a prece  
Que mais conforto e luz hoje oferece  
A quem vem versejar tão desolado;

Mas, quando chego ao fim do meu poema,  
Percebo ter cumprido aquele tema  
E sinto um tom de fé, de amor, de agrado.

## 57. Entusiasmei-me

Eu gosto de compor estas poesias,  
Porém, fico cansado nestes dias  
Em que preciso dar meu testemunho.  
Não vou passar, então, desta sextilha,  
A menos que hoje caia na armadilha  
Que o mestre preparou com meu rascunho.

Preciso esclarecer aqui somente  
Que o fato da segunda não desmente  
Minha intenção primeira de calar-me.  
É que ficou no ar que mestre ajuda,  
Mas é tão pouca coisa que ele muda  
Que a rima já provoca o meu desarme.

Eu entro na terceira e digo ainda  
Que é feio este sexteto e a ideia linda,  
Embora falhe muito este poeta.  
Capricho o mais que posso e o resultado  
É ver que o povo sente um desagrado,  
Se o pensamento nunca se completa.

A quarta estrofe ocorre sem preparo,  
Conquanto este improviso seja raro,  
Pois tudo que se faz no etéreo deve  
Ser muito bem pensado e sopesado,  
Já que a doutrina é séria e o vate errado,  
Se julga que seu tema é sempre leve.

Na quinta eu me proponho a definir  
Quais hão de ser as normas do porvir  
Desta poesia alegre e sem destino.  
Foi só falar no fim me veio a prece  
Iluminar meu verso, que parece  
Criar certo vigor, quando amofino.

Meu Pai de amor e caridade, a luz  
Que eu possa aqui dispor vem de Jesus,  
Refletida tão só aqui no etéreo.  
Aceite, por favor, que, junto à mesa,  
Este poeta fique co'a certeza  
De que vai decifrar o seu mistério.

Eu só queria um verso e despedir-me;  
Não dar tanta impressão de que estou firme,  
Repetindo os versos que compus.  
Tivesse das estrelas seu fulgor,  
Traduziria em prece o meu amor,  
Que o coração calado mais reluz.

## 58. Vaga intuição

Resumo o pensamento em poucos versos  
E fico mui contente se consigo  
Levar alguns leitores em perigo  
A refletir nos males mais perversos.

Talvez estes que estão hoje comigo  
Caminhem destemidos já imersos,  
Com gana de vencer os universos,  
Galgando o reino em paz e sem castigo.

As rimas é que sofrem os açoites  
Dos látigos gemendo pelas noites,  
Caindo *ex-abrupto* em nossas mentes.

No entanto, desperdiço a vela boa,  
Iluminando corpos tão à-toa,  
Com suas boas almas já ausentes.

## 59. Sem radicalizar

Assumo o posto meu juntinho à mesa  
E dito devagar este poema,  
Querendo aqui cumprir do mestre o esquema  
Que recomenda o bem como proeza.

E peço ao grupo calma, que não tema  
Se falta ao conteúdo mais beleza:  
O sentimento é meu e a vela acesa  
É toda a luz que tenho sem problema.

Caminho decidido a completar  
Apenas um refrão rudimentar,  
Na forma de soneto sem valor.

A prece, que reservo ao coração,  
A mim serve de aviso e solução,  
Pois, mesmo rude o verso, é bom compor.

## 60. Buscando sem rebuscar

Requeiro ao caro médium que me escute,  
Porquanto estou trazendo-lhe meu verso;  
Mas teme o companheiro nele imerso  
Que o tema comprometa seu desfrute.

Eu digo que jamais vai ser perverso  
O texto que meu mestre aqui me incute,  
Que a bola que lhe atiro com bom chute  
Deve agarrar atento e não disperso.

O pobre sofre um pouco com meus termos,  
Achando quase todos muito enfermos,  
Em desacordo grave co'a doutrina.

Porém, quando desmonta cada linha,  
Percebe que algo sobra e se avizinha  
Das obras que estudou... e se ilumina.

## 61. De flores e de frutos

Antigamente, eu vinha p'ra poesia,  
Trazendo a minha ideia formulada.  
Queria aqui ditar um quase nada,  
Pensando que o amigo escandiria.

O meu rascunho agora mais me agrada,  
Porquanto escrevo em paz, em harmonia,  
Deixando p'ro escrevente esta alegria  
De completar somente a rima dada.

Então, como este autor se considera:  
Poeta, cantador ou repentista?  
Um servo de Jesus destoutra esfera,

Cansado de lutar contra a vontade  
De quem acha que o verso se contrista,  
Se pede ao encarnado que o traslade.

## 62. Para além da poesia

Alvinitente, a Lua lá no céu  
Flutua a sua luz para os mortais.  
Aqui, porém, a gente quer bem mais,  
Que a luz do Sol parece mais um véu.

Todo o esplendor da vida fica atrás  
De um só desejo ardente em fogaréu  
De quem sabe o que quer como troféu:  
Amor e caridade entre os iguais.

Por mais que hoje eu capriche nas figuras,  
Bem sei que a tua alma tu depuras  
No entendimento exato da doutrina.

Um pouco de beleza no meu verso  
Irá trazer-te preso a este universo,  
Que o Cristo ampara, guia e ilumina

### 63. Promessa é dívida

Eu cumpro o compromisso e me apresento  
Sem medo de causar um rebuliço:  
Se a trova se afigura um bom serviço,  
Irei manter-me calmo e com alento,

Não tanto porque aqui não me espreguiço,  
Lutando contra as ânsias do tormento  
Que trago de um passado que aposento,  
Sem luz, sem brilho, sem calor, sem viço.

Então, com que bandeira é que hoje escrevo?  
Com a lição que o mestre me ensinou:  
A de jamais deixar de dar relevo

Às boas qualidades com que vou  
Montar as doces rimas deste enlevo,  
Modesto o coração, que é como eu sou.

#### 64. A verdade nua e crua

Preciso condensar meu pensamento  
Apenas num soneto e, sem repouso,  
Talvez eu não consiga, pois não ousou  
Mudar a nobre forma e movimento.

Na rima, até que mexo, em antegoço  
Do desafio tremendo do momento,  
Deixando no passado o sofrimento,  
Propondo-me um futuro harmonioso.

Na pressa, este poema não se faz  
Com termos da vontade mais audaz  
E tudo queda morno, uma desgraça:

Os sons são repetidos friamente,  
A prece que me enleva está na mente  
E o texto não se solta e me embaraça.

## 65. Com mais coragem

Entendo que o leitor queira bem mais  
Deste poeta sonso, que não traz  
Alguma coisa nova p'ra pensar.  
Quisesse da doutrina orientação,  
Mais fácil receber sua lição  
Nas obras que comprou lá no bazar.

Aqui se expõem os dramas tão pequenos  
Daqueles que não lançam seus acenos  
Com as virtudes todas dos perfeitos.  
As nossas culpas nos mantêm simplórios,  
Pensando encher bastantes auditórios,  
Com versos tão banais, com mil defeitos.

Mas vou levando as rimas de roldão,  
Julgando que algum dia poderão  
Servir para o sorriso do poeta,  
Que a coisa que está preta já melhora,  
Quando a esperança cresce nesta hora  
De examinar o bem que se repleta.

Então, quando consigo orar a prece,  
Agradecendo ao Pai, o dom parece  
Chegar ao seu limite superior:  
O verso fica leve e o pensamento,  
Unindo-se ao fervor do sentimento,  
Expressa de uma vez razão e amor.

Por isso, não me entrego à vil lamúria,  
Sabendo que ao poeta cabe a fúria  
Da inspiração final, quando verseja.  
O atrevimento do poema induz  
Que sou abençoado por Jesus,  
Embora um coroinha em sua igreja.

## 66. Pensando em você

Requeiro mais firmeza ao pobre médium  
A quem eu dito os versos que deplora.  
Então, quando o menciono, como agora,  
Lamenta o sabor acre de remédio.

Sozinho, neste quarto, canta e chora  
A rima, que pespego em grave assédio,  
Marcando o meu compasso, já sem tédio,  
Pois noto o lento avanço tema afora.

A descrição do fato é p'ro leitor  
Saber que existe, n'arte de compor,  
Total desprendimento quanto ao clima:

Enquadro-me no tema e deixo a lavra  
Formar um texto em verso que azinhavra;  
Depois de certo tempo, ele me anima.

## 67. A verdade superior

Escavo o meu passado e tenho medo  
De revelar segredos meus de antanho.  
O verso, que preservo desse amanhã,  
Não pode ser p'ra mim triste degredo.

Nem sempre é tão ruim nem tão estranho  
O fato que na mente sinto azedo.  
É que mantenho em riste o rude dedo  
E o coração confranjo e não barganho.

Mas o meu mestre sente a minha dor,  
Aliviando sempre este compor,  
Favorecendo a prece que me anima.

Aí, sou o soldado da virtude  
E gosto de saber que a trova alude  
Ao crescimento d'alma, em cada rima.

## 68. Audácia e ousadia

Pretendo prosseguir um pouco mais,  
Porquanto estes momentos são de paz,  
Enquanto aqui medito sobre a vida.  
Compor uns poucos versos é de menos,  
Que os dramas, neste caso, são amenos  
E a luta pesa pouco nesta ermida.

Não vou continuar com meus lamentos,  
Que o povo que me lê tem sentimentos  
Que devo respeitar em cada verso.  
Também não posso aqui usar disfarce,  
Pois tenho de mostrar qual a catarse  
Que eleva o sentimento mais perverso.

O gajo que vem lendo estes poemas  
Supõe que vou dizer quais os problemas  
Que têm as soluções mais eficazes.  
São todos, por piores que eles sejam,  
Porquanto as qualidades que sobejam  
Provêm das lindas preces que tu fazes.

Assim, sem novidade que desponte,  
Eu vou jorrando a trova como a fonte  
Asperge em arco-íris o ambiente.  
É natural a rima ser forçada  
Mas penso que o leitor não sofre nada,  
Ao vê-la tão sutil e tão contente.

E volto o pensamento ao caro mestre  
Que pede que as ideias hoje orchestre  
Equilibrando a rima com ardor,  
Agradecendo ao Pai a formosura  
Com que me vejo agora nesta altura,  
Que o bem da vida vem deste compor...

## 69. Em grupo é bem mais fácil

Atento aqui fiquei para o ditado  
Da turma que transmite a sua prosa.  
Nem tudo ali recende a odor de rosa,  
Mas tem muitos matizes, como o fado.

Esta poesia a vida também glosa,  
Porém, noutra sentido, pois me enfado  
Com relatar tristezas do passado,  
Que é mais gentil o bem que hoje se goza.

Mas como refletir sobre a virtude,  
Se existe o tal temor que o gajo mude,  
Perdendo as regalias que desfruta?!...

Este universo é grande e o meu poema  
Em pobres rimas sempre aqui se algema,  
Sem fé na inspiração, jamais sem luta.

## 70. Soneto esperançoso

Um verso só traria o meu recado,  
Se fosse aqui escandir com perfeição.  
Mas tal efeito exige um coração  
Forjado nas virtudes do soldado.

Não sei desempenhar minha missão,  
Conforme os estatutos deste lado;  
Então, vou dando corda e não me agrado  
Das rimas que os amigos lendo vão.

Porém, eu peço a Deus que me ilumine,  
Tornando um verso só gentil, sublime,  
Lembrando a Boa Nova de Jesus;

Que acorde p'ra verdade o bom leitor,  
Sabendo compreender que é com amor  
Que a trova hoje se fez cheia de luz.

## 71. Na direção certa

Preciso conformar-me em ditar logo,  
Que assim deste labor me desafogo,  
Se aqui vencer terrenas restrições.  
De tudo quanto faço cá no etéreo,  
Parece este momento ser mais sério:  
Responsabilidade e comissões.

No entanto, o caro mestre me perdoa,  
Se alguma vez a rima é bem à-toa,  
Tornando o verso tosco e mal formado.  
*“Se o sentimento é bom”, me diz a turma,  
“Pouco importa que o povo todo durma:  
Você deve dizer: — Eu não me enfado.”*

É triste quando a gente vem e falha,  
Porque não se contenta co’ a migalha  
Caída dessas mesas com fartura.  
Na tese do poeta, falta um verso  
Que possa assegurar não ser perverso  
O entendimento d’alma boa e pura.

Por isso, é que disponho, nestas linhas,  
Pois tu, em sendo bom, muito acarinhas  
Os sentimentos que me dão valor,  
Enaltecendo a rima mais supimpa,  
Aquele que demonstra um’alma limpa,  
Na esfera de Jesus, por meu compor.

Assim, vou escrevendo com mais calma  
O que de bom traduzo dentro d’alma,  
Sabendo que a poesia é deficiente.  
Falar é muito bom, dêz que me escute  
Aquele que não quer um vil desfrute,  
Mas venha para orar tão simplesmente.

A prece que elevamos no momento  
É tudo quanto aspiro em meu memento,  
Porquanto a luz se faz no coração.  
Se o povo que comigo eleva a prece  
Aspira ao mesmo bem, logo aparece  
O sentimento nobre do perdão.

Jesus abençoai, portanto, a gente  
Que agora se concentra mui contente  
Por merecer os dons do vosso amor.  
Olhai por quem não pede em seu suplício,  
Imerso em sofrimento, em rude vício,  
Sem conhecer o Pai, seu criador.

## 72. Mantendo a inspiração

Abrigo doce fé no coração  
De que estarei compondo uma canção  
Com muitos atributos e virtudes.  
Não quero elogiar minha postura,  
Que a rima não terá como ser pura,  
Nem peço emocionado que tu mudes.

Espero simplesmente que meus versos  
Não sejam, como tantos, mui perversos,  
Que possam trazer luz à escuridão;  
Bruxuleante, é claro, que a poesia,  
Se fosse bem melhor, outro faria  
E não tratava aqui de tanto *não*.

Mas não desprezo a forma que hoje cultuo,  
Pois da verdade induz um simples vulto,  
Porém, é quanto posso oferecer.  
Pensando no passado é que me alegro,  
Pois vejo como agora a trova integro  
Ao rol dos bens que exerço por dever.

Combino vários sons e me utilizo  
Dos pensamentos bons que já diviso  
No fundo de consciência bem mais leve;  
Já não percorro as trevas preocupado  
Em resgatar os erros do passado,  
Portanto, o amor se instalará em breve.

Enquanto aguardo o dia esplendoroso,  
Estou usufruindo em antegozo  
Como é feliz o gajo que melhora.  
O reino do Senhor está mui longe,  
Porém, tenho visões como um bom monge  
Que ao pé do altar su'alma eleva e ora.

Senhor, tão pobre sou e não mereço  
Sentir esta alegria, este arremesso  
De paz, de ardor, de luz e de bondade;  
Mas sei que é o vosso amor que me ilumina  
E que Jesus me pede disciplina,  
Na hora em que a poesia est' alma invade.

### 73. À busca da verdade

Jesus, perdoe a minha prece estulta,  
Porque peço por mim a toda a hora:  
Eu sei de muita gente que hoje chora  
E que o terror nas almas lhes avulta.

Então, o meu poema já descora  
E deste sentimento meu resulta  
Que entendo o drama dessa turbamulta,  
Mas sofro se a tal rima deteriora.

Passe por sobre o verso o esquecimento  
De que pretendo ser um ser à parte;  
E cuide do poeta o vil tormento,

Que a tanto não me ajuda “engenho e arte”;  
Se fui buscar além este incremento,  
Me faça, humilde e bronco, um baluarte.

#### 74. A título de despedida

Reúnem-se os amigos junto à mesa,  
Para ditar os versos derradeiros.  
Um dia, voltaremos mais faceiros,  
Do belo com a chama bem acesa.

Assim, agradecemos, pois matreiros  
Têm sido os comentários, que a pobreza  
Das trovas que ditamos, nesta empresa,  
Requer que nós sejamos verdadeiros.

Muito obrigado, amigo, que o desvelo  
Tem sido produtivo, sem preguiça:  
É bom que venha alguém aqui dizê-lo.

Talvez outro poeta se apresente,  
Pedindo-lhe que escreva co'a premissa  
De esquecer estes versos, simplesmente.

## 75. Explicando as anteriores

Na esfera em que se encontra o novo amigo,  
Não temos pretensões muito mundanas:  
São lindas as gentis artes humanas,  
Porém, trazem no bojo um grão perigo.

Artistas são pessoas que têm ganas  
De ser mui diferentes, mas comigo  
A tese se complica, pois lobrigo  
Um bem bem mais profundo nos nirvanas.

A obrigação que cumpro junto à mesa  
Demonstra que obedeço a rija norma,  
Mas não busco enfeixar só com beleza

O texto que componho em justa forma:  
Preciso que reflita a natureza  
Da inteligência etérea em sã reforma.

## 76. Adejando

Um beija-flor voou pelo jardim  
E foi sugar o orvalho de uma rosa.  
Depois, tentou bordar um texto em prosa,  
E veio recitá-lo para mim.

Senti rico perfume nessa glosa,  
Mas transformei em tema tão chinfrim,  
Na trova que componho mesmo assim,  
Defeitos que contorno e o metro dosa.

De que me vale ter deste compasso  
Domínio tão seguro, se não faço  
O mínimo que pede o bom leitor?

— Então, vou melhorar, logo prometo,  
Montando esta estrutura de soneto,  
Que devo preencher com muito amor...

## 77. Superando o mal

Nem tudo o que se inventa cá no etéreo  
Se encontra muito além da realidade:  
O texto que componho persuade,  
Porque pretendo dá-lo em refrigério.

Tal onda criminosa a Terra invade  
Que à gente põe mais medo do mistério:  
Se o sofrimento ali é muito sério,  
Como há de ser a dor na eternidade?

O bem que se pratica por amor  
Não justifica o mal que já se fez:  
É como os versos deste meu compor

Que deixam tolo rastro, a cada vez.  
A luz que refulgir com esplendor  
Vai colocar na sombra o que é soez.

## 78. Às cegas, mas nem tanto

Conheço muito bem a situação  
De quem pertence às trevas hoje em dia:  
Se o gajo é convidado p'ra poesia,  
É certo que há de haver obrigação.

Não posso assim dizer que não queria  
Lidar com os problemas da escansão.  
— *O tema é controverso, nos dirão.*  
Mas como um pobre cego sairia?

— *Homero, vão dizer, o nobre aedo,  
Não via a luz do sol em seu degredo  
E poetou com mérito supremo.*

Por isso é que me animo nesta hora,  
Sabendo que o leitor já se assenhora  
De todo o sofrimento a que me algemo.

## 79. De última hora

Não quero que se perca este momento  
De puro devaneio em que medita  
O vate cá no etéreo, na bendita  
Poética escansão do sentimento.

Temendo a inspiração ser mui restrita ,  
Retira da doutrina um elemento,  
Dizendo para si: — *Hoje eu aumento*  
*Minha visão do bem que o verso edita.*

Porém, por mais que faça o raciocínio  
Erguer do amor a tese mais profunda,  
Há de ficar ilhado em seu domínio.

Preciso é que o leitor não se contunda  
Se, acaso, exerça a rima o seu fascínio  
E cause um desperdício, em barafunda.

## 80. Sacripanta

Embora escreva em versos, minha prosa  
Revela o quanto longe está a poesia.  
Compasso bem medido nutriria  
Apenas uns suspiros cor de rosa.

Mas arrepios de amor não causaria,  
Que as rimas se amontoam nesta glosa,  
Que eu gostaria, sim, fosse formosa  
A despertar nas gentes alegria.

Existe um componente a ser medido  
Na esfera do desejo deste povo,  
Mas não quero atender nenhum pedido.

Assim, quando solfejo e me alivio,  
Me vejo em desespero aqui de novo,  
O mesmo que deixei e em quem confio.

## 81. Legado de amor

Assumo o compromisso nesta trova  
De respeitar o amigo que me escuta.  
Eu sei que é bem difícil sua luta,  
Ao ler tanta poesia cá da cova.

Mas tenho aqui também, bastante astuta,  
A turma que me ajuda e que renova  
As fórmulas dos versos, caso a sova  
Que levo destas rimas me embiruta.

É permanente a lida deste povo,  
Que aspira a facultar aos encarnados  
Um legado de amor, em texto novo.

Quando assegura a fórmula precisa  
Que deixaria os homens enlevados,  
Percebe quanto é fraca esta pesquisa...

## 82. Só transpiração

Por mais virtudes tenha o verso meu,  
Não chegam para a trova concluir.  
Quem sabe para breve em meu porvir  
Já possa merecer o jubileu.

Assim, vou fornecendo a quem me ouvir  
Um simulacro apenas, um proteu  
De rima que transforma quem viveu  
Em luxos de sonetos a luzir.

As trevas que me envolvem são intensas  
Mas não escondem mais minha estrutura.  
Assim, quando prometem recompensas,

São pobre emanção da forma pura,  
Que se desfaz em nuvem de descrenças,  
Pois verso tão ruim é o que a segura.

### 83. Salário da dor

Adoro este trabalho, porque o faço  
Na calma de uma tarde de descanso.  
Talvez seja melhor quando eu avanço,  
Mas sempre irá manter o mesmo espaço.

Estando limitado a quanto alcanço,  
Às vezes, dou de mim abrindo o passo,  
Que as pernas, quando curtas, o compasso  
Há de marcar o verso que hoje entranço.

Sem pressa é que restauro as emoções  
Que me fizeram tal qual me apresento;  
Por isso é que capricho nas canções,

Ouvindo os madrigais em pensamento.  
Sem exteriorizar como Camões,  
Ao menos já dou conta que me aguento.

## 84. Suspeitoso

Não tendo mais sossego aí na Terra,  
Pensei que cá no etéreo houvesse paz.  
Parti por conta própria e fui capaz  
De piorar a dor, em rude guerra.

O homem se perturba: é quando faz  
Girar em desespero a que se aferra  
A vida que perdeu e agora emperra,  
Julgando sem saída o mal voraz.

Um dia, é convidado a compor verso,  
Para mostrar que em trevas jaz imerso,  
Na prevenção dos crimes dos terrenos.

Mas como ser formoso, eficiente,  
Se agride com as rimas tanto a gente  
Que vem buscar cantores mais amenos?!...

## 85. Lembrete oportuno

Lastimo que não tenha o meu talento  
Capacidade e luz nem dom p'ra rima;  
Mas vou tentar meu voo trova acima,  
Porquanto um só soneto eu sei que invento.

Assim fica pensando a ver se anima  
O coração o vate do momento:  
— *O verso que componho não enfrento;*  
*O próximo o leitor logo sublima.*

*Pedir perdão a Deus não é preciso,*  
*Que ofensa não lhe faz tal escansão.*  
*Então, há de faltar algum juízo,*

*Porque falta a coragem para um não.*  
*Se o mal da trova causa um prejuízo,*  
*É bem menor que a ausência do refrão.*

## 86. Dando cambalhotas

Tranquilo, cá no etéreo, eu me pergunto  
Por que tenho de dar tanto de mim.  
Na Terra, sou consciente, fui ruim  
E tal, não há fugir, é meu assunto.

Agora eu faço versos mesmo assim,  
Fugindo de lembrar que desconjuncto  
A tese do progresso do defunto  
Que sofre a penitência do capim.

Engraçadinho fui, agora peno,  
Querendo declarar-me muito sério;  
Mas tudo quanto escrevo é bem ameno,

Pois agredir a gente desde o etéreo  
É coisa que me impede o claro aceno  
De ser a minha trova um refrigerio.

## 87. Quase bucólico

Faculta-me a poesia a confissão  
De que não tive fé no Criador;  
Agora estou com medo de compor  
E vir a perturbar o meu irmão.

Atendo ao compromisso com amor;  
Ao menos, eu declaro com paixão  
Que estou bem mais feliz, como verão,  
Com determinação superior.

Alegra-me a ventura de contar  
Com todos que me leem dentro do lar,  
Trazendo o coração em doce prece.

Depois, irei mostrar aos companheiros  
Que tenho para mim como primeiros  
Aqueles que me assistem nesta messe.

## 88. Sem pejo

Convenho que é difícil versejar  
Sem ter um tema certo para expor.  
Aqui venho trazido por amor,  
Temendo não ter nada de exemplar.

O mestre que me assiste, superior,  
Afirma que não posso macular  
A rima que componho neste lar,  
Se emprego para o bem o meu vigor.

De fato, ao pretender um verso amigo,  
Eu sei que vou correr algum perigo,  
Por ser tão fraca a trova que imagino.

Então, peço a Jesus que me sustente,  
Que inspire o mesmo amor a toda a gente,  
Agradecendo, enfim, seu dom divino.

## 89. Notícias minhas

Falece-me a esperança de um bom verso,  
No que tem a poesia de melhor;  
As regras do compasso, as sei de cor:  
O tema é que me afeta, por perverso.

Preciso restringir-me ao dom maior  
De vir trazer o informe do Universo,  
Do todo não, do que me encontro imerso,  
E um pouco da existência ao derredor.

Aí é que me ponho deprimido,  
Porque sou inferior e, assim, duvido  
Da inspiração do mestre que me assiste:

Falar aos corações do meu segredo  
É transformar a dor em puro medo,  
É vir com esta trova pobre e triste.

## 90. Mergulhando na dor

Perfuro um fundo poço em meu passado,  
Em busca das razões do meu sofrer;  
Encontro só fantasmas sem poder  
De me orientar p'ra luz da vida o fado.

O mestre me consola: é seu dever,  
Por certo tendo o bem do amor ao lado,  
Que a luta é para todos sem agrado  
E o verso que componho é mau de ler.

Rascunho o meu poema deprimente  
E o trago corrigido pelo mestre,  
De forma que o meu tema simplesmente

Não possa entristecer quando ditá-lo,  
Mas tenho para mim que o ser terrestre  
Vai detestar sofrer mais este abalo.

## 91. Força centrípeta

Não mexo no meu verso após ditá-lo:  
Bem sei que não consigo a perfeição.  
Se é pobre a minha rima, esta escansão  
Não há de aqui fazer o seu regalo.

Não posso desprezar o meu refrão  
E vou ditando os versos sem um halo  
De luz ou de paixão, mas não me abalo,  
Que poucos a vir ler se atreverão.

E giro em torno a mim e fico tonto,  
No aguardo de que o verso fique pronto,  
Para poder sair do remoinho.

As vestes das ideias que proponho  
Irão repercutir como num sonho:  
O despertar p'ro amor eu adivinho.

## 92. Para quem não deve

Não quero protestar contra o trabalho  
De vir rimar uns versos tão sem graça:  
Preciso é que o poeta hoje se faça,  
Quem sabe p'ra amanhã quebrar um galho.

Nem tudo que traduzo é só desgraça,  
Pois existe alegria se não falho:  
Se a morte, aí na Terra, é espantinho,  
Aqui no etéreo é paz, se amor se enlaça.

Mas vir para dizer tão simplesmente  
O que ensinou Jesus com tanto brilho  
É pouco p'ra deixar contente o vate.

Então, vou caprichar para que aguento  
O texto que componho no estribilho:  
O lucro é do leitor que o mal resgate.

### 93. O nó sempre chega ao pente

Na Terra, eu rastejava na sarjeta,  
O coração sofrido e maltratado,  
Pois o perdão jamais me foi de agrado:  
Eu preferi tornar-me anacoreta.

Não tendo muita fé nem dom sagrado  
Para manter-me assim, usei muleta,  
E dediquei a vida à tal vendeta,  
Causando aos meus irmãos grande cuidado.

Agora é que estou vendo o que perdi,  
Nas ânsias de me pôr algoz do mal,  
Julgando que seria superior.

Nas obras da doutrina foi que li  
Que tenho de estudar p'ra ser fanal  
De luz e compreensão do bem, do amor.

## 94. Retratando a mente

Imaginando a vida de outro modo,  
Até cheguei a formular um verso,  
Porém, em tanta dor me vi imerso  
Que os galhos já não quebro, agora os podro.

O tema é muito bom mas controverso,  
Que as sutilezas ficam e acomodo  
A rima do meu jeito, em grosso brodo,  
Sem relação alguma no Universo.

Rimar só por rimar é vezo antigo,  
Dos tempos que vivia a sós comigo,  
Distante das pessoas que me amavam.

Agora vejo quão tremendo vício  
Tornou este poeta um estrupício  
De trovas que se enredam e que travam.

## 95. O crivo da razão

Passeio pela trova e realizo  
O anseio de deixar um verso lindo,  
Mas penso no futuro sempre infindo,  
Sabendo que o presente é impreciso.

Assim, as emoções vou expandindo  
E, no final, amor e bem diviso,  
Crescendo até abranger o paraíso,  
O reino superior de luz bem-vindo.

Ó Pai, receba a minha pobre prece;  
Transforme este plantio em farta messe,  
Que possa aqui colher o irmão faminto.

O joio é combustível para o forno,  
É luz tão breve para o espaço em torno;  
Como é o poema dum amor sucinto.

## 96. Fazendo figura

Cativo na gaiola o passarinho  
Comia com prazer o seu alpiste;  
Jamais ficou um só instante triste,  
Pois tinha do seu dono um bom carinho.

Por não cantar, contudo, o dedo em riste  
Teve de suportar, o coitadinho:  
— *Vou dar-lhe a liberdade e aí, sozinho,*  
*Eu quero ver como é que subsiste...*

Assim, voou o pobre libertado,  
Ao sol, na tempestade, em grão tormento,  
Julgando ter no mundo um rude fado.

E logo quis chamar o seu patrão,  
Reconhecendo, pois, o sentimento:  
Então cantou vibrando o coração.

## 97. Mero exercício

Não vou desapontar meu professor  
Que nos pediu a trova por lição.  
Preciso dedicar toda a atenção,  
P'ra revelar que tenho algum valor.

Por isso é que escolhi para o refrão  
A rima que é mais fácil de compor,  
Porquanto, com um texto inferior,  
Eu posso expor à luz meu coração.

O mestre analisou o meu poema,  
Fazendo restrições quanto ao problema  
De dedicar à forma quase tudo.

Acrescentei, então, um verso à trova  
Que o ensino de Jesus mostra e comprova:  
No Pai concentro o amor do conteúdo.

## 98. Com saudade da pelota

Suspendo a transmissão quando percebo  
Que o tema me seduz além da conta.  
O mestre fica sério e já me aponta  
Receita de remédio e de placebo.

É fácil conduzir o tema à tonta,  
Na busca de levar como mancebo  
Que nas canelas hoje passou sebo  
E corre no gramado e desafronta.

Por isso, eu passo a bola ao meu amigo  
Que vem jogar no time aqui comigo,  
Orgulhoso a envergar esta camisa.

Mas ele perde a bola se o solfejo  
Exige simples som de realejo:  
É sinfonia, sim, a que se visa.

## 99. Se a chave fosse de ouro...

Pelejo intensamente contra a forma  
Que, enfim, termino por manter em dia,  
Mas verso não traduz o que é poesia:  
Sem conteúdo o vate foge à norma.

Eu sei que meu leitor entenderia,  
Se cá trouxesse a minha plataforma;  
Talvez lesse o poema só *pro forma*,  
E nunca mais voltasse em harmonia.

Também a eternidade está distante  
E a perfeição do homem queda longe,  
No paraíso, como disse Dante.

Mas nós estamos cá na Terra mesmo,  
Sabendo que não faz a roupa o monge,  
Enquanto os dons de amor espalho a esmo.

## 100. Desanuviando a mente

Pretendo convencer o professor  
De que meu tema é bom e promissor,  
Porquanto eu já me aplico à caridade.  
Os versos que disponho nesta trova  
Depois de os ler o povo logo aprova  
E sinto que a alegria a alma invade.

Talvez não tenha tempo suficiente,  
Mas sei que, ao completar, terei presente  
O sentimento bom de um bom dever.  
O texto claudicou mas eu me ajeito,  
Pensando que o futuro é que é perfeito:  
É quando a criatura tem poder.

Falece-me a razão, mas fico alegre  
E logo eu quero que a emoção se integre  
Neste compasso fácil, regular.  
Aí vou abraçar meus companheiros,  
Sabendo que serão sempre os primeiros  
Na aprovação das rimas que bolar.

— *Não basta fazer versos, diz meu chefe.*  
— *Precisa seriedade e não de blefe,*  
*Composição de amor, de luz, de paz.*  
Em harmonia, eu rogo ao Criador  
Que me ofereça um tempo de compor  
E outro para orar, sem ser mendaz.

Jesus, lhe peço que abençoe o povo,  
Sabendo que estarei aqui de novo  
Com rimas desabridas, sem encanto.  
Assim vão perdoar o atrevimento,  
Aí verei se volto e se me aguento,  
Alegre e satisfeito, e já sem pranto.

Minha oração, portanto, é muito triste,  
O professor, porém, que é firme, insiste  
Que eu venha demonstrá-la mesmo assim.  
Bem sei que deveria aqui sorrir,  
Mas vou dar-me um tempinho e no porvir  
Perdoarei o mal que fiz a mim.

## 101. Configurando a trama

Navego pelas rimas descuidado,  
Previendo chuva grossa pela frente.  
Bom seria se a trova, simplesmente,  
Brotasse lá do fundo, com agrado.

No entanto, aqui componho com a mente,  
Trazendo o coração amargurado,  
Que o tema há de ficar bem mal cuidado,  
Se o luto que me cobre se apresente.

Mas como desfazer o sentimento,  
Em versos de ludíbrio em que argumento  
Co'as luzes da razão e descortino?!...

— Apenas refletindo em cada verso  
Um pouco da emoção de estar imerso  
Na consequência exata que previno.

## 102. Respingo poético

Caminho desabrido pela rima,  
Julgando muito bom o que componho,  
No entanto, aí percebo, como em sonho,  
Que as coisas não se firmam com estima.

Talvez, um compromisso tão bisonho  
Não baste p'ra que eu faça uma obra-prima,  
Então, eu quero crer que a dor sublima  
O quanto esteja aqui de mais medonho.

Irão pensar, na Terra, que o sofrer  
É brabo nesta esfera, em que o dever  
Exige dos eleitos perfeição.

Enquanto, cá nas trevas, eu me encaixo  
O texto há de medir-se mui por baixo,  
Restando ao pobre autor pedir perdão.

### 103. Contido e preocupado

Pespego um pescoção no meu leitor,  
Dizendo p'ra tomar muito cuidado.  
A trova deixa assim de ser de agrado  
E flui do destempero deste autor.

Ao menos, já deixei o meu recado,  
Em verso granulado e sem vigor.  
Quisera aqui voltar p'ra recompor,  
Mas tenho de alegrar-me, conformado.

O dia está melhor para a comédia  
E o vate vem fazer a sua média,  
Mostrando como é fácil seu dever.

Mas, quando o coração bate mais forte,  
O gajo lembra a vida após a morte  
E passa a refletir em seu poder.

## 104. Moderna condição

Retiro o meu poema caso diga  
O meu gentil leitor, muito maneiro:  
— *Se eu não gostar, um outro então requeiro,*  
*Que o tema dos seus versos não me intriga.*

O texto que componho por inteiro  
Retrata uma emoção já bem antiga.  
Você vai desejar que hoje eu consiga  
Expor na trova o amor do companheiro.

Preciso revelar que sou mui pobre?  
Não basta o verso meu soar a dobre,  
Funéreo carrilhão de graves sinos?

Você vai perdoar este arremesso,  
Querendo ver a rima pelo avesso,  
Pois rudes são meus tristes desatinos.

## 105. Sem chave de ouro

Retorno envergonhado p'ra poesia,  
Porquanto fracassei na trova acima:  
Ofereci mais dor, em pobre rima,  
Em vez de fornecer muita alegria

Bem sei que o bom leitor ainda estima  
Quem vem se confessar e não teria  
Um pensamento só de aleivosia,  
Porque foi tão ruim minha vindima.

Por isso é que capricho mais um pouco,  
Mantendo o dobre grave, surdo e rouco,  
Mas num sentido novo, construtivo.

É diferente o estado cá no etéreo,  
Que exige seja o vate bem mais sério  
Do que quando flanava estando vivo.

## 106. Interpretando intenções

Seleciono as ideias do poema,  
Mas não venho mostrá-las desde logo.  
Como este lago é fundo, eu já me afogo,  
Que a verdade está longe e não se algema.

Ao mestre que me assiste então eu rogo,  
Pedindo compreensão cabal, suprema,  
Que a rima, na vertente, mais se extrema,  
Se falham as virtudes com que jogo.

A prece é dom que exalta o bem maior  
Que o coração declama até de cor,  
Sem dar de si de forma incontestável.

Por isso, o palavrório é falso, inerte,  
Se o vate se apresenta para um flerte,  
Sem que apresente a

## 107. Inspirando confiança

Reajo contra a ideia pessimista  
De não deixar aqui bom sentimento:  
Ilude-se o parceiro pachorrento,  
Pensando só nas lábias deste artista.

Bem sei que o compromisso é superior,  
Que a forma é mero enfeite para a rima:  
Importa o conteúdo e a nobre estima  
Que tragam emoção de algum valor.

Por isso, enovelei os oito versos,  
Deixando que o leitor os veja imersos  
Em múltiplas nuances de virtude.

Amar é refulgir com perfeição  
As luzes que irradia o coração,  
Em vibrações de paz, em plenitude.

## 108. O passado presente

Reserve um bom momento p'ra poesia,  
Leitor que nos frequenta e nos atura:  
A rima quase sempre surge impura,  
Mas seu perdão tal dor anestesia.

O Pai, quando sonhou a criatura,  
Por certo imaginou como seria  
A vida material sem alegria,  
E pôs nos corações muita candura.

Assim, ao transferir para o soneto  
O sentimento terno que me invade,  
Não posso aqui lembrar quanto foi preto

O meu destino no areal de dor  
Da encarnação, que só me traz saudade  
Dos tempos infantis de puro amor.

## 109. Requerendo salvo-conduto

Aos poucos, vou deixando a minha marca,  
Em textos que pretendo bem bonitos:  
Os mestres vão parar de estar aflitos  
E o povo há de esquecer toda a fuzarca.

Os pensamentos buscam infinitos,  
Mas ficam limitados, como a barca,  
Cercada pelas águas, sente a parca  
Visão dos horizontes circunscritos.

Eu vou distribuindo pelas rimas  
Os sons convenientes ao protesto  
Que devo registrar destas estimas,

Que o povo deste lado, sem rancor,  
Presume que não haja um só doesto,  
Embora seja enérgico o compor.

## 110. Saber e viver

Um véu esconde a luz da minha vista:  
É contra a escuridão que agora luto.  
Não tenho cabedal nem sou astuto,  
Por isso, faço versos que a alma enquista.

Parece que já tenho um contributo,  
Para tornar a rima mais benquista,  
Porém, caso se desse uma entrevista,  
Punha a perder o meu salvo-conduto.

A tese está brilhando em cada trova,  
Mas o melhor leitor já desaprova  
Tão áspero rigor com que me encaro.

Se falta um conteúdo mais sublime,  
O meu ardor fará que já se estime  
A doce prece em que o amor aclaro.

### 111. Preparado e atento

A bênção do Senhor em nós recaia,  
Mas temos de fazer por merecer,  
Porquanto o pai nos deu como dever  
Ficar, quanto aos defeitos, de atalaia.

Errar, de vez em quando, vai poder  
Quem for humano, em termos de cobaia,  
Mas, se a vontade é lenta e a fé cambaia,  
A bênção vai perder-se para o ser.

Intriga-me a poesia, quando a dito,  
Que as palavras brotam, muitas vezes,  
De modo diferente e quase aflito.

Os termos são mui nobres, não soezes,  
Representando a dor de agudo grito,  
No silêncio dest'alma em seus jaezes.

## 112. Em linguagem clara

Redijo o meu poema e ponho à prova  
Se o meu desejo interno conhecido  
Se mostra por inteiro, mas duvido  
E o verbo desta rima não renova.

Não posso me acusar de haver falido  
Em todas as jornadas, desde a cova,  
Não tem sentido algum tomar a sova,  
Se faço todo o esforço comovido.

O mestre vem pedir p'ra que não force  
O entendimento desta estrofe gasta,  
Nem transmita o texto com entorse,

Pois deve a imagem ser modesta e casta:  
Utilizando aqui Código Morse,  
Hei de mostrar que a rima não me basta.

### 113. Abrindo as portas

Penteio cada verso com capricho,  
Puxando para trás um bom rabicho,  
Enfeite para o povo apreciar;  
Mas, ao ditar a rima ao caro médium,  
Suspeito que não vá passar de tédio  
O sentimento deste bem-estar.

Não quero provocar nenhum protesto  
Mas devo afiançar que à trova empresto  
O meu melhor do pouco que possuo.  
Talvez passe a impressão de ser mui sábio,  
Porquanto escrevo à moda do alfarrábio  
Que guarda velhas contas sem amuo.

Não bote fogo aqui, meu bom amigo,  
Mas venha passear hoje comigo,  
Ainda que a paisagem seja parda:  
A compreensão da dor, quando se dá,  
Eleva o sentimento ao deus-dará  
Da formação do espírito que tarda.

Mantenho a mesma imagem da poesia,  
Sem dar-lhe entendimento, todavia,  
Que o gozo dos felizes não se altera.  
Ao Pai, eu vou orar a melhor prece,  
Que é justamente disso que carece  
O povo que se atrasa em cada esfera.

Senhor, abençoei, o meu leitor,  
Fazendo que progrida em seu amor,  
Que a humanidade sofre e desespera.  
Mandai Jesus de volta aos corações,  
Mostrando a cada qual suas missões,  
Em prosa bem disposta e sem quimera.

## 114. Progredindo um pouco

Antigamente, o povo compreendia  
Que os versos, mesmo ricos de poesia,  
Não tinham muito efeito para todos.  
A falta de cultura amenizava  
Os temas de que a rima então cuidava,  
Divertindo somente seus apodos.

Quem vinha versejar em rima pobre  
Bebia nas canecas só de cobre  
E punha o melhor copo ali de lado.  
Mas nós que aqui viemos neste dia  
Temos de beber nesta poesia  
O vinho em taças de cristal dourado.

Por isso, o nobre entendimento agora  
De que o poeta sofre e ri e chora  
Por não ditar um texto refulgente.  
Mas peço ao companheiro que me lê  
Que me perdoe a rima, pois você  
Há de sofrer um dia como a gente.

O treinamento, então, que lhe proponho  
Não pense ser produto deste sonho  
Em que o meu médium pega este ditado;  
A coisa é muito séria, pode crer,  
Pois trata-se de um lídimo dever,  
Principalmente se lhe for de agrado.

No fim, a prece justifica tudo,  
Pois não existe um outro conteúdo  
Que dê satisfação tão natural:  
Senhor, acata a pretensão do vate  
E põe mais fé no coração que bate  
Com medo de falhar, causando um mal.

## 115. Compenetrado e sério

Prossigo, intemorato, em meu caminho,  
Mas não percebo ainda se avizinho  
A mais correta forma de escansão.  
Os temas que disponho nestes versos  
Às vezes são legais, outras, perversos,  
Enquanto eu mais me prendo ao tal refrão.

Preciso descansar algumas vezes,  
Que os pensamentos são muito soezes,  
Ao comentar a vida desregrada  
Em que perdi meu tempo, simplesmente,  
Marcando passo, com virtude ausente,  
Achando a luz de Deus uma piada.

Aqui disponho a dúvida cruel,  
Sabendo o gosto rude deste fel,  
Por agredir o povo co'a verdade.  
O tonto que lhe escreve, caro amigo,  
Procura não brigar senão comigo,  
Mas tem de vir contar, inda que agrade.

O mestre me implorou que meditasse,  
Impondo-me a verdade por princípio.  
No entanto, aqui falhei e já termino  
Sem rimas que me ponham mais alegre.  
Ao menos, comprometo a minha tese,  
Atento para a voz mais discordante...

## 116. Vamos começar?

Espero com paciência a minha vez  
De vir ditar uns versos de alegria.  
Talvez seja bem fraca esta poesia,  
Sem harmonia até, ou luz, talvez.

Mas posso coordenar a melodia,  
Trazendo um bom compasso, como fez  
O meu antecessor, um bom freguês,  
Do mestre que incentiva esta folia.

É claro que gracejo e que hoje brinco  
Co'a rima que respeito, em que procuro  
Não ser mui displicente, com afinco.

Porém, o sentimento, eu lhe asseguro,  
Ó meu leitor amigo, que aqui vinco,  
É bom, é calmo, é leve, altivo e puro.

### 117. Com sangue nas veias

Não posso imaginar qual o segredo  
Dos vates mais perfeitos lá da Terra:  
É fato que a poesia ao bem se aferra,  
E assim sinto pior o meu degredo.

Alguma luz a trova minha encerra,  
Mas sob o alqueire queda pelo medo  
Que tenho de apontar em riste o dedo,  
Julgando o caro irmão que vive em guerra.

Por isso, manda o mestre que o poeta,  
Enchendo de ousadia o coração,  
Peça a Jesus por paz, mesmo incompleta.

Conforme eu necessite de perdão,  
Os sons, cuja loucura o povo veta,  
Irão cantar o amor a cada irmão.

## 118. Alertando a gente

Percorro estas poesias como posso,  
Trazendo o melhor verso para o povo.  
Talvez não haja muito aqui de novo,  
Porquanto o próprio tema não remeço.

Para nascer no galho outro renovo,  
A natureza afirma: — *Este eu endosso.*  
Os pobres dos poetas dizem: — *Nosso*  
*Poema surge em capital corcovo.*

Mas vou levando, mesmo assim, a trova,  
Que minha fé no amor sempre comprova,  
Nas preces que aqui digo por Jesus.

Quem vem com seu espírito formoso  
Apenas acrescenta mais um gozo,  
Ao contemplar o bem na própria luz.

## 119. Sempre é tempo de melhorar

Convenho ser difícil ao poeta  
Compor a melodia deste plano:  
É bem mais fácil, para o ser humano,  
Lidar com sons, com rimas, como esteta.

O que mais vale aqui é ter tutano,  
Pensar corretamente e ver completa  
Esta estrutura estética que veta  
Qualquer deslize de um julgar insano.

Assim, se não consigo elucidar  
O sentimento com razões de fato,  
Peço perdão por adentrar seu lar,

Causando dor por tanto espalhafato:  
Se o verso não lhe causa bem-estar,  
Eu fico aborrecido e me aquilato.

## 120. Alegre e feliz

Não tenho prevenção nem quanto à rima,  
Nem quanto aos sons internos do poema:  
O que me importa mesmo é o rico tema  
Que mostra ao bom leitor a minha estima.

Por isso é que não uso o stratagemema  
De elaborar o verso em obra-prima:  
A mim me serve quando reanima  
O confrade que em luto a dor extrema.

Dar confiança, em suma, é de proveito  
Também para o poeta, e sempre aceito  
Que o médium colabore com vigor.

O resultado é bom? Fique contente,  
Que o povo deste lado, alegremente,  
Vai se esbaldar na luz de puro amor.